

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**RELAÇÃO ENTRE TRAÇOS DE PERSONALIDADE E AS DIMENSÕES
BÁSICAS DOS ESTILOS DE VINCULAÇÃO EM ADULTOS**

Marco Diogo Rosa Mendes

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica

2016

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**RELAÇÃO ENTRE TRAÇOS DE PERSONALIDADE E AS DIMENSÕES
BÁSICAS DOS ESTILOS DE VINCULAÇÃO EM ADULTOS**

Marco Diogo Rosa Mendes

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Rute Oliveira Pires e coorientada pela
Professora Doutora Ana Sousa Ferreira**

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica

2016

Agradecimentos

Não poderia finalizar esta etapa da minha vida e do meu percurso académico sem dirigir alguns agradecimentos a quem me acompanhou nesta gratificante caminhada pessoal.

À Professora Doutora Rute Pires, que muito estimo enquanto pessoa e profissional. Obrigado pela liberdade e apoio constante, pela absoluta generosidade com que, sempre que possível, atendeu aos meus pedidos de ajuda, pelas palavras de incentivo e, sobretudo, por me ter desafiado a fazer melhor de forma inspiradora, acreditando nas minhas capacidades.

À Professora Doutora Ana Ferreira, pelo apoio fundamental à concretização deste trabalho, pelos conhecimentos partilhados, pelas palavras de encorajamento endereçadas em momentos importantes e pela amável disponibilidade e prontidão com que me acompanhou.

Aos participantes deste estudo, pela enorme contribuição fornecida para que este estudo fosse possível. O meu sincero obrigado.

À TAPCE, Tuna Académica de Psicologia e Ciências da Educação, a minha tuna, à qual pertenci durante todo o meu percurso académico, por me ter dado a possibilidade de lhe dar parte de mim e por me ter dado também uma parte de si. Será sempre com emoção que revisitarei esta parte da minha vida e com orgulho que permanecerei Tuno para sempre.

Ao ULTIMACTO, Grupo de Teatro da Faculdade de Psicologia e do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, por tudo o que com ele vivi, pelas personagens a que dei vida e pelos momentos de partilha e amizade.

Ao Projeto “Amigo Grande, Amigo Pequeno” que, durante dois anos do meu percurso académico, teve um impacto emocional importante em mim e do qual me recordei ao elaborar este trabalho. Em especial, obrigado ao pequeno D., pelo que me ensinou sem o ter chegado a saber.

Ao Gente Linda, o melhor e mais especial grupo de amigos que conheci durante estes anos na Faculdade. Obrigado a todos pela amizade e por tudo aquilo que temos vivido em conjunto, desde a partilha de momentos inesquecíveis às palavras e gestos nas entrelinhas.

Aos restantes amigos que conheci na Faculdade, incluindo os meus companheiros “Dinâmicos”, que deram um sentido e força únicos a estes anos na Faculdade.

À minha “família do coração”: Mónica, Daniel, Tiago e Sarinha. Por toda a ajuda, quer pelas palavras de apoio e incentivo constantes para que trabalhasse afincadamente, como pelos momentos de lazer proporcionados para que fizesse as pausas necessárias.

Ao Vítor, por estes anos em que me tem dado uma outra noção de “família”.

À minha irmã, companheira e confidente de longas horas vividas.

Aos meus amigos de sempre: Xana, Bernardo e Sérgio. Obrigado por crescerem todos os dias comigo, por tudo aquilo que temos vivido e aprendido juntos, bem como por estarem lá nos melhores e nos piores momentos, provando-me – mesmo quando eu não acredito – que há amizades que ficam.

Ao meu pai, por, sem o saber, me ter tornado forte nas minhas fraquezas.

Por último, à minha Mãe. O meu pilar, a minha casa. Obrigado por tudo: desde a confiança nas minhas aspirações, ao esforço para que todo este percurso fosse possível. E, sobretudo, pela importância que a nossa relação mãe-filho tem tido naquilo que sou, dando sentido a este trabalho. Esta concretização é a ti dedicada.

A todos, o meu sincero agradecimento!

Resumo

No campo da vinculação, estudos realizados com métodos de análise fatorial têm encontrado consistentemente duas dimensões básicas das diferenças individuais no estilo de vinculação dos adultos (Ansiedade/Preocupação e Evitação), que correspondem aos modelos internos dinâmicos do *self* e dos outros, respetivamente.

Na 5ª edição do DSM, foi proposto um modelo alternativo de traços para a avaliação da personalidade que concilia as abordagens dimensional e categorial. Este avalia cinco domínios, variantes desadaptativas do Modelo dos Cinco Fatores, e vinte e cinco facetas específicas da personalidade.

Com base na revisão de literatura no âmbito dos traços da personalidade e da vinculação ao longo do desenvolvimento, com enfoque na idade adulta, procurou-se compreender a relação entre os traços da personalidade do modelo alternativo do DSM-5 e as dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos. Foram aplicados um Questionário Sociodemográfico, o Inventário da Personalidade para o DSM-5 – Adultos e o Experiências em Relações Próximas a 106 adultos da população portuguesa não-clínica.

Os resultados revelaram relações significativas entre traços da personalidade e as dimensões da vinculação nos adultos, com destaque para a relação entre Afetividade negativa e Preocupação, entre Desprendimento e Evitação, bem como entre ambas as dimensões e Desinibição. Verificou-se ainda que as dimensões da vinculação explicam menos de metade da variabilidade de cada domínio da personalidade. Tais resultados foram discutidos à luz das teorias psicodinâmicas.

Finalmente, foram apontadas as limitações deste estudo e direções futuras, assim como endereçadas considerações acerca da contribuição dos resultados para a prática clínica e investigativa.

Palavras-chave: DSM-5, Evitação, Preocupação, Traços de personalidade, Vinculação nos adultos.

Abstract

On the attachment field, several studies using factorial analysis have consistently found two basic dimensions of individual differences in adult attachment style (Preoccupation/Anxiety and Avoidance), which match internal working models of the *self* and others, respectively.

On the DSM's 5th edition, it was proposed an alternative trait model to personality assessment, which conciliates both categorical and dimensional approaches. This model assesses five personality domains, maladaptive variants of the Big Five Personality Model, and twenty-five specific personality facets.

Based on a theoretical review on the personality traits and the attachment along the human development, mainly in adulthood, this study sought to understand the relationship between the DSM-5 personality trait model and the two basic dimensions in adult attachment style. A Sociodemographic Questionnaire and the portuguese adaptations of both Personality Inventory for DSM-5 – Adults and Experiences in Close Relationships were applied to 106 portuguese adults from a non-clinical sample.

The results found significant relations between personality traits and the basic dimensions in adult attachment style, especially between Negative affect and Preoccupation, between Detachment and Avoidance, and also between both attachment dimensions and Disinhibition. Also, it was found that both attachment dimensions account for less than half of the variability in each DSM-5 personality trait. Such results were discussed in the light of psychodynamic theories.

Finally, the limitations of this study are exposed, future directions are pointed and considerations about the implications of the present results to the clinical and investigative practice are addressed.

Keywords: Adult attachment, Avoidance, DSM-5, Personality traits, Preoccupation.

Índice geral

	Página
Resumo	iii
<i>Abstract</i>	iv
Introdução	1
Enquadramento teórico	4
1. Personalidade e traços de personalidade	4
1.1 Abordagem categorial vs. dimensional da personalidade	6
1.2 Modelo dos Cinco Fatores da Personalidade	7
1.3 Modelo de Traços de Personalidade do DSM-5	9
2. Vinculação	11
2.1 Vinculação na infância	12
2.2 Vinculação na idade adulta	14
2.2.1 Dimensões básicas dos estilos de vinculação	17
3. Relação entre Personalidade e Vinculação	17
3.1 O papel da vinculação no desenvolvimento da personalidade	18
3.2 Perturbações da personalidade e estilos de vinculação na idade adulta	20
3.3 Traços de personalidade e dimensões da vinculação na idade adulta	22
Problematização	24
1. Objetivos	24
2. Hipóteses	24
Método	26
1. Participantes	26
2. Instrumentos e medidas	27
2.1 Questionário Sociodemográfico	27
2.2 Inventário da Personalidade para o DSM-5 – Adultos	27
2.3 Experiências em Relações Próximas	28
3. Procedimento	29
Resultados	29
1. Estudo metrológico	30
1.1 PID-5: Inventário da Personalidade para o DSM-5 – Adultos	
Precisão	30
1.2 ERP: Experiências em Relações Próximas	

Precisão	32
2. Estudo correlacional	33
3. Análise de regressão	37
Discussão e Conclusões	40
Referências bibliográficas	48
Anexos	60

Índice de Quadros

	Página
Quadro 1. <i>Características sociodemográficas da amostra (N=106)</i>	26
Quadro 2. <i>Coeficientes de precisão e medidas descritivas dos domínios e facetas do PID-5 – Adultos</i>	31
Quadro 3. <i>Coeficientes de precisão e medidas descritivas das dimensões do ERP</i>	32
Quadro 4. <i>Correlações de Spearman e respetiva significância estatística no estudo da relação entre as dimensões do ERP e os domínios e facetas do PID-5 – Adultos</i>	33
Quadro 5. <i>Sumário da análise de regressão logística binomial para Afetividade negativa</i>	37
Quadro 6. <i>Sumário da análise de regressão logística binomial para Desprendimento</i>	38
Quadro 7. <i>Sumário da análise de regressão logística binomial para Antagonismo</i>	39
Quadro 8. <i>Sumário da análise de regressão logística binomial para Desinibição</i>	39
Quadro 9. <i>Sumário da análise de regressão logística binomial para Psicoticismo</i>	40

Anexos

	Página
Anexo I. Definições dos domínios e facetas dos traços de personalidade do DSM-5 (adaptado de APA, 2014)	61
Anexo II. Domínios e facetas definidores das perturbações de personalidade do modelo alternativo do DSM-5 (com base em APA, 2014)	65
Anexo III. Formulário de consentimento informado	66

“I remember that time you told me, you said
‘Love is touching souls’
Surely you touched mine
‘Cause part of you pours out of me
In these lines from time to time.
Oh, you're in my blood like holy wine
You taste so bitter and so sweet
Oh, I could drink a case of you, darling
Still I would be on my feet
I would still be on my feet”

A Case Of You, Joni Mitchell (*Blue*, 1971)

Introdução

As palavras da canção de Joni Mitchell, utilizadas como epígrafe desta dissertação, servem para nos recordar da importância que as relações, qualquer que seja a sua natureza, assumem no ser humano – naquilo que ele é. A influência recíproca entre o *self* e os outros é composta, como sabemos, por aspetos mais negativos (“*bitter*”) e mais positivos (“*sweet*”), preenchendo o desenvolvimento humano com experiências agridoces, ambivalentes, mas necessárias. Ao procurar aprofundar o conhecimento acerca da interação entre Personalidade e Vinculação, essencialmente na idade adulta, onde as relações amorosas ocupam um lugar de destaque, a mensagem de “A Case of You” remete-nos para o impacto da complexidade emocional e relacional dos indivíduos. E também para a capacidade de nos mantermos de pé ou cedermos perante o suficientemente bom (Winnicott, 1975), o vazio ou a adversidade.

Desde o início da formulação da teoria da vinculação nos anos 40 até à atualidade, vários autores têm defendido que os modelos positivos do *self* e dos outros se constroem com base numa vinculação segura (e.g., Bowlby, 1969/1982, 1973, 1980; Brennan, Clark, & Shaver, 1998; Fraley, 2002). A vinculação segura está, por sua vez, ligada a uma capacidade de mentalização (Fonagy, Gergely, Jurist, & Target, 2002), de regulação emocional (Sroufe, 1997) e com a regulação da procura de proximidade vs. evitamento da intimidade nas relações interpessoais (Mikulincer & Shaver, 2007), aspetos que influenciam a personalidade.

Principalmente desde a década de 80, estudos têm corroborado o papel fundamental que a vinculação a uma figura protetora e de confiança desde o início da vida desempenha no desenvolvimento da personalidade (Bowlby, 1988), permitindo aos indivíduos desenvolver-se de modo saudável (Fonagy, 1999). A intensidade da vinculação precoce a uma figura cuidadora exerce uma grande influência sobre as características do indivíduo (Soares, 1996).

Por refletirem o modo como os indivíduos se expressam nas relações próximas, recentes e prévias, vários estudos têm apontado que é nas relações românticas ou de casal que mais provavelmente se encontram comportamentos de vinculação nos adultos (e.g., Hazan & Shaver, 1987; Moreira et al., 2006). Para Canavarro (1999) o desenvolvimento de uma vinculação segura, nos primeiros anos de vida, proporciona sentimentos de autonomia e segurança, e associa-se, na idade adulta, a um funcionamento autónomo, independente, seguro e a uma maior capacidade de socialização. Por outro lado, uma vinculação insegura surge associada a uma fraca capacidade de socialização, a relações interpessoais pobres e a um fraco autocontrolo.

Os estudos realizados com métodos de análise fatorial a itens em uso corrente na avaliação da vinculação nos adultos têm encontrado consistentemente duas dimensões básicas das diferenças individuais no estilo de vinculação dos adultos: a Ansiedade/Preocupação e a Evitação (Brennan et al., 1998; Moreira et al., 2006). Estas dimensões correspondem aos modelos internos dinâmicos do *self* e dos outros, respetivamente. Assim, a dimensão Preocupação refere-se à ansiedade de rejeição e abandono e ao medo de não ser amado, enquanto a dimensão Evitação diz respeito ao evitamento de intimidade e dependência (Nofle & Shaver, 2006).

Em 1999, realizou-se uma Conferência de Pesquisa e Planeamento do DSM-5, com o apoio da American Psychiatric Association (APA) e do National Institute of Mental Health (NIMH). Nesta reunião concluiu-se a importância de considerar as vantagens e desvantagens de alicerçar parte ou todo o DSM-5 em dimensões em vez de categorias para a avaliação da personalidade (Widiger, 2007). O Grupo de Trabalho do DSM-5 recomendou a realização de esforços no sentido de adotar um modelo dimensional de classificação das perturbações de personalidade, tendo sido discutidos múltiplos modelos (Widiger, 2007). Como consequência, na 5ª edição do DSM, foi proposto para investigação um modelo alternativo de traços para a avaliação da personalidade que concilia as abordagens dimensional e categorial. Este modelo avalia cinco domínios da personalidade, correspondentes a polos opostos e desadaptativos do Modelo dos Cinco Fatores da Personalidade, e vinte e cinco facetas específicas (APA, 2014, p. 921).

Foram aplicados um Questionário Sociodemográfico, o Inventário da Personalidade para o DSM-5 (PID-5 – Adultos; Pires, Silva, Fagulha, & Gonçalves, 2014) e o Experiências em Relações Próximas (ERP; Moreira et al., 2006), a 106 adultos da população portuguesa não-clínica, através do método bola-de-neve. Tendo por base a revisão de literatura no âmbito dos traços da personalidade e da vinculação ao longo do desenvolvimento, com enfoque na idade adulta, pretendeu-se com este estudo: (a) compreender a relação entre os traços da personalidade do novo modelo do DSM-5, operacionalizado pelo Inventário da Personalidade para o DSM-5 – Adultos, e as dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos, avaliadas pelo Experiências em Relações Próximas, numa amostra da população portuguesa adulta não-clínica, (b) contribuir para a validação do PID-5 – Adultos para a população portuguesa, e (c) obter uma melhor compreensão das potencialidades e limitações do PID-5 – Adultos na avaliação da personalidade.

O presente estudo está organizado em diversos capítulos, tendo início no Enquadramento teórico. Este capítulo encontra-se dividido em três secções fundamentais. Em

primeiro lugar, uma secção dedicada à Personalidade e aos traços da personalidade, na qual se procurou destacar os aspetos mais relevantes que a investigação tem produzido e que melhor permitem enquadrar o Modelo de Traços do DSM-5, passando pelo enfoque na contenda entre as abordagens categorial e dimensional da personalidade, bem como nos principais contributos do Modelo dos Cinco Fatores da Personalidade para o entendimento atual deste complexo constructo. Seguidamente, apresenta-se uma secção dedicada ao tema da Vinculação, no qual se pretendeu enfatizar os conceitos e as ideias que dão sentido à importância do sistema de vinculação no desenvolvimento do ser humano, com especial atenção para a idade adulta. Aqui, descreveram-se as dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos e o percurso tomado até ao seu surgimento. Por fim, foi introduzida uma secção orientada para a integração dos constructos Personalidade e traços de personalidade e Vinculação, numa perspetiva desenvolvimentista e dimensional com vista quer à compreensão do impacto do sistema de vinculação na formação da personalidade do ser humano, como à compreensão desta intrincada relação na normalidade e na patologia.

Introduzida a componente teórica, é construída a Problemática, na qual se destaca a pertinência desta investigação e são definidos os objetivos e as hipóteses em estudo. Tendo já enunciado os objetivos, as hipóteses focaram-se, de um modo geral, na análise das relações entre os domínios e facetas do PID-5 – Adultos e as dimensões do ERP, bem como no valor preditivo das escalas da vinculação relativamente aos traços da personalidade.

Prossegue-se com a apresentação do Método, no qual, para além de referidos os motivos na base da escolha dos instrumentos utilizados, se procede à descrição dos Participantes, dos Instrumentos e medidas e do Procedimento deste estudo.

São apresentados os Resultados, dando-se conta do estudo metrológico, assim como do estudo correlacional e da análise de regressão para verificar as hipóteses formuladas.

Por último, é realizada a Discussão e Conclusões dos resultados obtidos em comparação com estudos e teorias prévios, à luz da perspetiva psicodinâmica. No final, são apontadas as limitações do estudo, algumas direções futuras e endereçadas considerações acerca da contribuição dos resultados para a prática clínica e investigativa.

Enquadramento Teórico

1. Personalidade e traços de personalidade

O conceito de personalidade, no sentido psicológico que lhe é atribuído atualmente, surgiu nos finais do século XVIII associado à noção de pessoa ou individualidade com uma clara consciência de si, comportando-se de acordo com a mesma. Em termos etimológicos, a palavra “personalidade” provém do latim *persona* (em português, pessoa), que se referia a uma máscara de teatro utilizada nos dramas gregos para representar um papel ou uma falsa aparência (Feist & Feist, 2008). A partir do início do século XX, diversos autores procuraram chegar a uma definição deste complexo conceito de acordo com a sua própria conceção da natureza humana, tendo sido propostas inúmeras noções até à atualidade.

Carver e Scheier (1996) mencionam que, apesar de não haver uma definição única e consensual, uma noção aproximada seria a de Allport, de 1961, a partir da qual se referem à personalidade como “uma organização dinâmica e interna de sistemas psicofisiológicos que criam os padrões comportamentais, cognitivos e afetivos característicos do indivíduo”. Segundo estes autores, esta definição sintetiza aspetos consensuais entre as várias propostas, destacando que a personalidade (a) possui uma organização; (b) é ativa e representa um processo dinâmico no interior do indivíduo; (c) corresponde a um conceito psicológico cujas bases são fisiológicas; (d) é uma força causal interna que ajuda a determinar como o indivíduo se posiciona em relação ao mundo; (e) é constituída por padrões de respostas recorrentes e consistentes; e (f) reflete-se em sentimentos, pensamentos e comportamentos.

Asendorpf (2004) complementa a noção anterior, referindo-se à personalidade como as “particularidades pessoais, duradouras, não-patológicas e relevantes para o comportamento de um indivíduo numa determinada população”. Para o autor, esta definição acrescenta (g) que os traços de personalidade são relativamente estáveis no tempo; (h) que as diferenças interpessoais são variações frequentes e normais, sendo o estudo das variações anormais objeto da psicologia clínica; e (i) que a personalidade é influenciada pela cultura.

Caprara, Steca, e Caprara (2007) referem que a personalidade resulta da interação do indivíduo com o ambiente, contribuindo para o senso de unidade, continuidade e coerência. Este senso deriva da capacidade do indivíduo orientar o seu comportamento, transformando os ambientes que encontra e moldando ativamente a sua própria personalidade ao longo da vida. Assim, a totalidade de atributos do indivíduo constitui um todo integrado que confere à personalidade a sua natureza distintiva, resultando em que cada ser humano seja único.

A ideia de que os indivíduos se desenvolvem através de estádios da personalidade claramente demarcados está hoje ultrapassada (McAdams & Olsen, 2010). Os modelos do temperamento e dos traços psicológicos sugerem um contínuo no desenvolvimento da personalidade com momentos de transição variáveis entre os indivíduos. Assim, do ponto de vista desenvolvimentista, estudos integrativos têm indicado a existência de continuidades e mudanças ao longo da vida num vasto conjunto de características psicológicas individuais, as quais podem ser concebidas como três níveis da personalidade: os traços disposicionais, as adaptações características e as narrativas de vida integrativas (McAdams & Olsen, 2010).

A perspectiva disposicional encara o indivíduo como ator da sua própria história de vida e foca a relevância dos traços de personalidade enquanto características internas resultantes de um conjunto de disposições biológicas e adquiridas, sendo responsáveis pela consistência do comportamento, do pensamento e dos sentimentos nas várias situações e ao longo do tempo (McAdams & Olsen, 2010; Millon & Davis, 1996). Esta perspectiva considera os traços como as unidades básicas da personalidade em, pelo menos, dois sentidos: em primeiro lugar, os traços descrevem as diferenças diretamente observáveis mais fundamentais e menos devidas ao acaso entre os indivíduos; e, em segundo lugar, revelam diferenças e consistências intraindividuais presentes desde o início da vida (McAdams & Olsen, 2010).

Por sua vez, a perspectiva motivacional considera que o ser humano é autodeterminado e agente, estabelecendo objetivos com vista ao desenvolvimento do seu potencial máximo (McAdams & Olsen, 2010). Como tal, mais do que comportar-se de modo consistente em diferentes situações e ao longo do tempo, os indivíduos fazem escolhas, planeiam a sua vida e têm um papel ativo na formação da sua identidade (McAdams & Olsen, 2010).

Na perspectiva das narrativas de vida integrativas, o ser humano é visto como autor da sua história pessoal por integrar e dar sentido a acontecimentos por si vividos (McAdams & Olsen, 2010). A identidade narrativa pessoal assume um papel fulcral enquanto compreensão do indivíduo da sua história de vida internalizada e em evolução, tendo por objetivo fornecer unidade, propósito e significado à vida (McAdams, 2008).

Segundo McAdams e Olsen (2010), nesta conceção desenvolvimentista os traços emergem primeiro e consolidam-se na infância, dando lugar às motivações e objetivos que se manifestam nesse período. O desenvolvimento posterior destas adaptações características permite a construção da identidade narrativa pessoal, na adolescência ou no início da idade adulta, a qual expressa quem o indivíduo se tornou e quem será com o tempo, numa cultura.

Uma vez que este trabalho se foca num modelo dimensional de traços patológicos da personalidade e se enquadra essencialmente na perspectiva disposicional já descrita, importa

fazer referência à abordagem dimensional da personalidade, em confronto com a abordagem categorial, e por conseguinte ao Modelo dos Cinco Fatores da Personalidade.

1.1 Abordagem categorial vs. dimensional da personalidade

A noção de continuidade entre personalidade normal e patológica surgiu, sobretudo, com Theodore Millon, que desenvolveu uma ciência da personalidade e da psicopatologia unificadora (Davis, 1999). De acordo com Millon, a personalidade normal e a personalidade patológica são moldadas segundo os mesmos processos e princípios de aprendizagem, não existindo uma linha rígida a distinguir normalidade de patologia (Millon & Davis, 1996). Este reconhecimento da relação entre as áreas da personalidade e da psicopatologia conduziu à aceitação do papel dos traços da personalidade no desenvolvimento de tipos específicos de psicopatologia, i.e., as perturbações da personalidade (Millon & Davis, 1996; Ribeiro, 2010).

A relevância clínica das perturbações da personalidade solicitou a introdução no DSM – *Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais* de uma taxonomia com critérios para o seu diagnóstico enquanto entidades distintas (Ribeiro, 2010). Desde a sua terceira edição, o DSM adotou uma abordagem categorial de avaliação da personalidade e das perturbações da personalidade, estabelecendo o diagnóstico através da presença ou ausência de critérios específicos para cada patologia da personalidade (Carson, 1991; Widiger, 1993).

Esta abordagem categorial das perturbações da personalidade tem, contudo, sofrido frequentes críticas pelas várias limitações que apresenta (e.g., Krueger, Hopwood, Wright, & Markon, 2014; Skodol et al., 2011; Widiger & Simonsen, 2005), as quais justificaram o surgimento de alterações na proposta de diagnóstico das perturbações de personalidade no DSM-5. Em primeiro lugar, a investigação mostrou uma excessiva coocorrência de perturbações de personalidade diagnosticadas através do sistema categorial proposto no DSM-IV-TR, isto é, uma excessiva comorbilidade entre as perturbações de personalidade (Skodol et al., 2011). Em segundo lugar, essas perturbações da personalidade apresentavam uma validade convergente e discriminante limitada (Skodol et al., 2011). Além disso, diversos estudos longitudinais demonstraram que algumas perturbações de personalidade não apresentavam estabilidade temporal, o que vai contra à própria definição de perturbação da personalidade (Skodol et al., 2011). Os pontos de corte, ou seja, o número de critérios necessários para a realização de um determinado diagnóstico, eram completamente arbitrários (Skodol et al., 2011). Por último, como consequência, as fronteiras entre personalidade normal e patológica não eram claras (Skodol et al., 2011).

Neste sentido, vários estudos empíricos têm defendido a utilização de modelos de traços dimensionais para a avaliação da personalidade e das perturbações da personalidade (e.g., Widiger & Trull, 2007; Widiger, Livesly, & Clark, 2009) como solução para as dificuldades que a abordagem categorial apresenta. Entre as vantagens da abordagem dimensional, destacam-se aqui duas. Em primeiro lugar, uma vez que as perturbações da personalidade podem constituir manifestações dos mesmos traços subjacentes, os traços dimensionais são particularmente úteis para explicar a comorbilidade (Bach, 2015). Em segundo, estudos longitudinais no âmbito das perturbações da personalidade descobriram que os modelos de traços são superiores na predição do funcionamento psicológico e da psicopatologia em relação ao sistema categorial do DSM-IV (Morey et al., 2012).

O DSM-5 representou um passo em direção a uma abordagem dimensional que implicou uma mudança paradigmática na conceptualização da personalidade e das perturbações da personalidade, por ser o primeiro DSM a incluir uma abordagem à descrição clínica diretamente ligada à estrutura empírica da personalidade (Krueger et. al., 2014). Nesta mudança, houve uma preocupação em encontrar uma estrutura empírica consensual (Widiger & Trull, 2007). Para tal, foram propostos diversos modelos dimensionais, alguns deles baseados em variantes desadaptativas do Modelo dos Cinco Fatores da Personalidade.

1.2 Modelo dos Cinco Fatores da Personalidade

O Modelo dos Cinco Fatores da Personalidade consiste numa representação dimensional da estrutura da personalidade que tem ganho uma crescente aceitação na psicologia da personalidade (Costa & McCrae, 1992b). Estes fatores foram estudados ao longo do tempo com várias amostras recolhidas em diferentes culturas (McCrae et al., 2005) e com tipos de medidas distintos, incluindo medidas de autorrelato e heterorrelato (McCrae & Costa, 2008). Assim, este modelo tem-se mostrado útil por integrar e sistematizar diversas conceções da personalidade (McCrae & Costa, 2008), bem como pela sua validade, estabilidade temporal, invariância transcultural e utilidade preditiva (Costa & McCrae, 1993).

Os cinco fatores da personalidade derivam de múltiplos estudos de análise fatorial realizados desde a década de 40 (Carver & Scheier, 1996). Segundo Costa e McCrae (1992a), estes estudos evidenciaram consistentemente que os traços da personalidade podem ser agrupados em cinco dimensões: Neuroticismo (instabilidade emocional e tendência para o mal-estar psicológico), Extroversão (capacidade ou disposição para a socialização e para a procura de estimulação e atividade), Abertura à Experiência (tendência para a curiosidade, para o conhecimento e para a imaginação), Amabilidade (bom caráter e tendência para ser

altruísta e confiar nos outros) e Conscienciosidade (grau de persistência, organização e controlo). Estas dimensões refletem importantes diferenças entre os indivíduos em termos emocionais, interpessoais, experienciais, atitudinais e motivacionais (McCrae & John, 1992).

O carácter universal dos traços sugere que a estrutura de personalidade faz parte da natureza humana. De acordo com este modelo, os traços de personalidade são dimensões das diferenças individuais que influenciam tanto variáveis individuais, como as motivações e o bem-estar psicológico, como variáveis interpessoais, como as relações amorosas ou de amizade (Costa, Yang, & McCrae, 1998).

O conjunto dos traços de personalidade parecem ser predisposições determinadas substancialmente por influências genéticas que encontram a sua expressão numa dada cultura (Costa et al., 1998), sendo relativamente independentes de influências ambientais (McCrae & Costa, 1996). Por outro lado, um estudo de Scollon e Diener (2006) sugere que o Neuroticismo e a Extroversão mudam ao longo do tempo e que estas mudanças estão relacionadas com aspetos sociais importantes, como o trabalho ou o relacionamento amoroso. De facto, a satisfação com o trabalho reduz o Neuroticismo e a satisfação com a relação amorosa está associada a uma diminuição do Neuroticismo e a um aumento da Extroversão.

Segundo McCrae e Costa (1994) os níveis médios dos traços de personalidade alteram-se ao longo do desenvolvimento, atingindo níveis estáveis a partir dos 30 anos de idade. Esta estabilidade da personalidade é fundamental para a preservação da própria identidade, bem como para estabelecer e manter relações estáveis com os outros (Caprara et al., 2007). Não obstante, Costa, Yang, e McCrae (1998) salientam que a estabilidade dos traços de personalidade decresce gradualmente com a idade. Com efeito, estudos transversais têm revelado ligeiros declínios nos níveis de Neuroticismo, Extroversão e Abertura à Experiência e pequenos aumentos nos níveis de Amabilidade e Conscienciosidade, que apontam num sentido desenvolvimentista para efeitos de maturidade ao longo do ciclo de vida (Costa & McCrae, 1994). Deste modo, a mudança também é necessária para enfrentar um ambiente, ele próprio, em constante mudança (Caprara et al., 2007).

A maioria dos modelos dimensionais da personalidade e dos instrumentos que os operacionalizam (e.g., NEO-PI-R, NEO-FFI) deriva de investigações sobre traços ou dimensões universais do funcionamento adaptativo da personalidade (e.g. Extroversão). Por sua vez, o modelo de traços de personalidade proposto no DSM-5 e operacionalizado pelo *The Personality Inventory for DSM-5* (PID-5) – Adults constitui um caminho com vista à descrição e compreensão dos traços patológicos em termos de um contínuo entre personalidade normal e patológica (Tyrer, Reed, & Crawford, 2015).

1.3 Modelo de Traços de Personalidade do DSM-5

Nos últimos anos, tem vindo a ser desenvolvida uma nova abordagem para a avaliação da personalidade que surge na 5ª edição do DSM. Nesta edição, segundo a American Psychiatric Association (APA, 2014) a Secção II corresponde a uma atualização do texto relativo aos mesmos critérios do DSM-IV-TR e a Secção III inclui um modelo alternativo para o diagnóstico e conceptualização das perturbações da personalidade (p. 771).

Esta nova abordagem consiste numa combinação da abordagem dimensional de avaliação da personalidade com a necessidade de manter os constructos das perturbações da personalidade do DSM-IV-TR, procurando uma transição suave para uma abordagem mais empírica (Krueger & Markon, 2014). Com este novo modelo pretendeu-se reduzir o número de perturbações da personalidade, de modo a diminuir a comorbilidade entre as mesmas; e aumentar a estabilidade do diagnóstico através da utilização de uma abordagem dimensional que reconhece que a psicopatologia ocorre num contínuo, substituindo critérios que retratam comportamentos por critérios que refletem traços (Skodol et al., 2011).

O eventual diagnóstico de perturbação da personalidade implica a presença de dois critérios: o critério A – relativo a padrões disfuncionais moderados, graves ou extremos de funcionamento próprio e/ou interpessoal – e o critério B – relativo à presença de constelações de traços patológicos de personalidade (APA, 2014, p. 907). Os défices no funcionamento da personalidade expressam-se também através dos critérios C e D, relativos à invasibilidade e estabilidade dos traços, bem como dos critérios E, F e G, relativos a explicações alternativas para a patologia da personalidade (APA, 2014, pp. 907-908).

Em relação ao critério A, as alterações do funcionamento próprio e interpessoal constituem o núcleo da psicopatologia e são avaliados num contínuo pela Escala de Nível de Funcionamento da Personalidade, que varia entre cinco níveis de défice: 0 (Ausência de disfuncionalidade ou Funcionamento adaptativo), 1 (Alguma disfuncionalidade), 2 (Moderada disfuncionalidade), 3 (Grave disfuncionalidade) e 4 (Extrema disfuncionalidade) (APA, 2014, p. 908). Este critério não será abordado neste trabalho.

O *The Personality Inventory for DSM-5* (PID-5) – Adults operacionaliza o modelo dimensional de traços patológicos subjacente ao critério B do modelo alternativo para as perturbações de personalidade proposto no DSM-5 (APA, 2014, p. 922), no qual este trabalho se foca. Neste inventário, os traços patológicos de personalidade estão organizados em cinco domínios: Afetividade negativa (vs. Estabilidade emocional), Desprendimento (vs. Extroversão), Antagonismo (vs. Agradabilidade), Desinibição (vs. Conscienciosidade) e Psicoticismo (vs. Lucidez). Segundo a Krueger et al. (2014), estes domínios constituem

variantes desadaptativas dos domínios do Modelo dos Cinco Fatores da Personalidade (FFM; Costa & Widiger, 2012) e são semelhantes aos domínios do *Personality Psychopathology Five* (PSY-5; Harkness & McNulty, 1994). Estes domínios compreendem vinte e cinco facetas específicas escolhidas pela sua relevância clínica (ver quadro I, em anexo). Assim, apesar de o modelo de traços na base do PID-5 – Adultos se focar nos traços de personalidade associados a psicopatologia, existem traços saudáveis, adaptativos e resilientes identificáveis como o polo oposto destes traços.

Neste modelo os traços apresentam duas características básicas, i.e., uma dimensionalidade e uma estrutura hierárquica em relação à personalidade (APA, 2014, pp. 920-921). Relativamente à primeira característica, todos os indivíduos podem ser localizados no espectro das dimensões de traços, os quais apresentam dois polos opostos, diferindo apenas no grau em que apresentam esse traço. Quanto à segunda, ao apresentar dimensões alargadas (domínios) e específicas (facetas) de traços, este modelo abrange um conjunto vasto de traços que descrevem a personalidade, atendendo inclusivamente às variações transculturais.

Segundo a APA (2014, p. 771), as perturbações de personalidade são padrões de experiência interna e de comportamento estável ao longo do tempo que se desviam acentuadamente das expectativas para um indivíduo numa dada cultura. Neste sentido, correspondem a défices no funcionamento da personalidade e a constelações de traços patológicos que estão relacionadas com formas perturbadas de sentir, de pensar e de se comportar relativamente ao *self* (esfera intrapsíquica) e aos outros (esfera interpessoal) que afetam negativamente o funcionamento do indivíduo. Estes padrões têm início na adolescência ou na idade adulta e são considerados invasivos, inflexíveis e generalizados, originando mal-estar ou incapacidade (APA, 2014, p. 771).

Ao contrário da tradicional abordagem às perturbações da personalidade que surge na Secção II do DSM-5, deste modelo alternativo derivam apenas seis perturbações de personalidade, que incluem as perturbações antissocial, evitante, estado-limite (*borderline*), narcísica, obsessiva-compulsiva e esquizotípica (APA, 2014, p. 907). Esta abordagem também inclui um diagnóstico de perturbação da personalidade com traço especificado (PP-TE) que pode ser feito quando se considera existir uma perturbação da personalidade, embora não sejam cumpridos os critérios para uma perturbação específica (APA, 2014, p. 907). Os traços (domínios e facetas) acima descritos permitem caracterizar, em relação ao critério B, as perturbações da personalidade derivadas do modelo alternativo do DSM-5 (ver quadro II, em anexo). As razões que levaram à manutenção destas perturbações relacionam-se com o facto de estas mostrarem melhores evidências empíricas de validade e maior utilidade clínica,

uma vez que apresentam maior prevalência na população, acarretam mais custos económicos e médicos e conduzem à diminuição da produtividade laboral (Skodol et al., 2011).

2. Vinculação

Surgido na década de 40 do século XX, o conceito de vinculação tornou-se uma noção fundamental na psicologia e na psicopatologia (Guedeney, 2004), tendo sido amplamente estudada e aprofundada ao longo do tempo. A teoria da vinculação foi inicialmente desenvolvida pelo psiquiatra e psicanalista John Bowlby (1907-1991). O seu primeiro estudo empírico sobre 44 jovens que tinham cometido furtos (Bowlby, 1944) permitiu-lhe aperceber-se de que a perda do vínculo afetivo com a mãe exercera um forte impacto emocional nesses jovens, constituindo um dos estudos precursores da teoria da vinculação. O objetivo de Bowlby era compreender o efeito das relações precoces no desenvolvimento da personalidade, utilizando o método empírico para fundamentar a sua teoria (Faria, Fonseca, Lima, Soares, & Klein, 2007). Ao longo da sua obra, Bowlby (1969/1982, 1973, 1980) refere-se à vinculação como um fenómeno inerente ao ciclo de vida, constituindo um quadro concetual importante para a compreensão do processo de desenvolvimento do ser humano.

Com base na etologia e nas teorias evolucionista, psicodinâmica e comportamental, a teoria da vinculação postula a existência de um complexo sistema de autorregulação universal e inato que tem como função proteger a criança perante situações ameaçadoras ou *stressantes*, através da procura de segurança num cuidador de confiança (Bowlby, 1969/1982; Levy, Johnson, Clouthier, Scala, & Temes, 2015; Moreira et al., 2006). A proximidade entre a criança e a figura de vinculação aumenta a probabilidade de sobrevivência e reprodução, fazendo parte do repertório necessário à preservação da espécie humana (Bowlby, 1969/1982; Scarvalone, Fox, & Safran, 2005).

O sistema de vinculação estabelece relações com outros dois sistemas: o sistema de cuidado e o sistema de exploração (George & Solomon, 2008). O primeiro diz respeito às funções do cuidador em proteger, tratar e confortar a criança; o segundo está relacionado com a crescente necessidade e capacidade da criança para explorar o meio que a rodeia (Bowlby, 1969/1982). Assim, a figura de vinculação constitui um porto seguro (*safe haven*) e uma base segura (*secure base*) necessária ao desenvolvimento da capacidade de exploração, da qual a criança progressivamente se afasta, sabendo que a ela pode voltar em caso de necessidade. São os comportamentos de vinculação – como chorar, sorrir e olhar – que abrem caminho à criança para explorar o meio ambiente, brincar e relacionar-se com o outro (Bowlby, 1988).

De um modo geral, a teoria da vinculação enfatiza três aspetos básicos: (a) o estatuto primário e a função biológica dos laços emocionais íntimos entre indivíduos, os quais são controlados por um sistema que utiliza modelos funcionais do *self* e do outro em relação; (b) a forte influência do modo como a criança é cuidada pelos seus pais, sobretudo a mãe, no seu desenvolvimento; e (c) que o conhecimento mais recente acerca do desenvolvimento humano requer uma teoria explicativa do desenvolvimento diferente das teorias clássicas que invocam fases específicas nas quais o indivíduo pode fixar-se ou retornar (Bowlby, 1988).

2.1 Vinculação na infância

O sistema de vinculação desenvolve-se nos primeiros anos de vida, influenciado pela relação íntima estabelecida entre a criança e as figuras parentais, ou uma figura de vinculação substituta, as quais são procuradas pela criança para proteção, conforto e suporte (Bowlby, 1988). Essa relação caracteriza-se pela responsividade e mutualidade, ou seja, pela capacidade do cuidador se aperceber das necessidades da criança, responder às mesmas e, simultaneamente, a criança aprender que essa resposta surgirá (Newman & Newman, 2003). Segundo estes autores, neste caso, a criança desenvolve uma vinculação com base nas representações e expectativas positivas que tem em relação ao outro. Por outro lado, quando a relação entre a criança e a figura de vinculação se caracteriza pela ausência de mutualidade e responsividade, a criança cria uma imagem negativa da relação com o outro, desenvolvendo uma vinculação de acordo com essa imagem.

É com base nas interações entre a criança e o cuidador, bem como nas expectativas relativamente ao comportamento do cuidador e ao seu próprio comportamento, que a criança constrói modelos internos dinâmicos (Bowlby, 1969/1982; Bretherton & Munholland, 2008; Main, Kaplan, & Cassidy, 1985). Esta noção é fulcral na teoria da vinculação e enquadra-se nos sistemas comportamentais de vinculação que Bowlby postula como controladores do comportamento de proximidade (Bowlby, 1969/1982; Soares, 1996).

Os modelos internos dinâmicos consistem em representações mentais cognitivas e afetivas relativas ao *self*, aos outros, às expectativas do *self* face aos outros, e à forma como o *self* e os outros se relacionam (Bowlby, 1973; Bretherton & Munholland, 2008; Levy et al., 2015; Main et al., 1985). Estes modelos integram elementos conscientes e inconscientes e desempenham um papel muito importante, considerando que influenciam os sentimentos, cognições, comportamentos, atenção, memória e linguagem respeitantes à vinculação (Main et al., 1985).

É a partir de uma relação de vinculação segura e, simultaneamente, dos modelos internos dinâmicos que se desenvolve a capacidade de regulação das emoções (Sroufe, 1997). Este aspeto é relevante se tomarmos em conta que as emoções desempenham um papel fundamental no modo como as pessoas percebem as suas relações e se comportam nelas ao longo da vida. Ora, quando o padrão relacional internalizado pela criança lhe permite sentir-se segura, cuidada, valorizada e capaz, estes sentimentos fomentam a formação da capacidade de regulação das emoções (Sroufe, 1997).

Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall (1978) realizaram um estudo com crianças entre os 12 e os 18 meses de idade, designado por *Situação Estranha*. Neste estudo desenvolveram uma técnica de medida de “estilos ou tipos de vinculação” na infância que consistiu em várias sessões laboratoriais de 20 minutos com a colaboração de crianças, do respetivo cuidador e de um indivíduo estranho. Estas sessões tinham oito fases, nas quais se incluiu uma separação e um reencontro entre a criança e o cuidador. O comportamento avaliado foi a reação da criança ao regresso do cuidador na última fase de reencontro.

Através deste estudo, Ainsworth e colaboradores (1978) encontraram três “padrões de vinculação”: *seguro* (a criança alterna entre a exploração do ambiente e o conforto/segurança do cuidador, reduzindo facilmente as suas manifestações de perturbação em resposta a esse contacto), *evitante* (a criança explora o ambiente de modo independente do cuidador, mostrando-se pouco perturbada com a separação, e ignora-o ou evita-o ativamente no reencontro) e *ansioso-ambivalente* (a criança explora pouco o ambiente, mostra-se muito ansiosa e dependente, entrando em desespero na separação, e manifesta uma atitude passiva ou de procura intensa de contato misturada com agressividade em relação ao cuidador). Posteriormente, Main e Solomon (1986) introduziram um quarto “estilo de vinculação”: o *desorganizado-desorientado* ou *desligado* (ausência de uma estratégia de vinculação coerente, oscilando entre comportamentos e manifestações dos padrões acima descritos).

Mas que variável(eis) é que exerce(m) maior influência no padrão de vinculação da criança? Serão mais determinantes as características da criança ou da figura de vinculação? Ainsworth e colaboradores (1978) estudaram determinadas características da figura de vinculação que promovem a qualidade da relação: a sensibilidade e a responsividade. Além disso, propõem a divisão dos três “estilos de vinculação” em subclassificações e chamam à atenção para a utilidade das mesmas (p. 251), inclusive para melhor captar a variabilidade individual. Por sua vez, Pietromonaco e Feldman Barrett (2000) consideram que não se pode considerar em separado o padrão de vinculação, o temperamento (alertando para a interação

entre indivíduo e meio ambiente) e os comportamentos de proximidade ou evitamento usados pelas pessoas para lidarem com situações emocionais.

Quanto à classificação dos padrões de vinculação em quatro tipos, estes funcionam, de certo modo, como protótipos (Bartholomew & Horowitz, 1991), pelo que não permitem dar conta da variabilidade individual. Quando se usam categorias para descrever a realidade, retira-se complexidade a essa mesma realidade (George & Solomon, 2008). Além disso, quanto menor o número de categorias, mais redutora fica a imagem da realidade. Assim, a investigação com modelos dimensionais parece enriquecer a compreensão da vinculação.

2.2 Vinculação na idade adulta

Bowlby (1988) refere que, embora o sistema de vinculação se expresse sobretudo na infância, mantém-se ativo durante toda a vida, influenciando as expectativas, emoções e comportamentos relacionais em todas as relações próximas ao longo da vida. Nas suas palavras, “o comportamento de vinculação caracteriza o ser humano desde o berço até à sepultura” (Bowlby, 1979, p. 129).

A teoria da vinculação no adulto consiste numa continuação do trabalho de Bowlby e Ainsworth (e.g., Ainsworth & Bowlby, 1991), concebida para explicar as diferenças individuais em termos cognitivos, emocionais e comportamentais que acontecem no contexto das relações próximas (Nofle & Shaver, 2006). De acordo com esta teoria, essas diferenças são influenciadas pelas experiências prévias do indivíduo, tendo início na relação entre a criança e os cuidadores primários (Nofle & Shaver, 2006).

Compreender o contributo da teoria da vinculação no desenvolvimento do adulto implica considerar as tarefas específicas deste período do ciclo de vida. Entre os vários eventos que marcam esta fase destacam-se o fim da escolaridade, o início da atividade profissional e consequente autonomia financeira, o viver e estabelecer-se em espaço próprio, o casamento e a parentalidade (Faria et al., 2007). Assim, o estabelecimento da autonomia e da intimidade assumem-se como as tarefas nucleares do desenvolvimento do jovem adulto, as quais só podem ser asseguradas com a consolidação da identidade e com a diferenciação do indivíduo face aos pais e aos outros (Faria et al., 2007). São estas tarefas que vão permitir assumir compromissos no contexto relacional e profissional, bem como a partilha e interdependência em relações íntimas de amizade ou de amor (Faria et al., 2007).

A continuidade ou descontinuidade nos padrões de vinculação na transição entre a infância e a idade adulta é também uma questão central. Em diversos estudos longitudinais foram encontradas coincidências entre padrões de vinculação na infância e relações afetivas

na vida adulta, contudo também se encontraram mudanças nos padrões de vinculação ao longo da vida (Canavarro, 1999; Fraley, 2002; Pietromonaco & Feldman Barrett, 2000). Houve, aliás, um período de tempo durante o qual existiu alguma controvérsia relativamente ao grau de estabilidade temporal dos estilos de vinculação (Moreira et al., 2006). Alguns desses estudos longitudinais, por exemplo, demonstraram que a vinculação na infância, considerada isoladamente, constitui um frágil preditor de um bom funcionamento relacional na idade adulta (Rutter, 2006). Estas considerações levaram a ponderar que os padrões de vinculação podem mudar ao longo da vida (Weinfield, Sroufe, Egeland, & Carlson, 2008).

Esta questão parece ter sido ultrapassada com os estudos efetuados mais recentemente e tornou-se consensual entre a maioria dos investigadores que a estabilidade temporal dos estilos de vinculação é semelhante à da generalidade dos traços de personalidade (Moreira et al., 2006). No entanto, tal consenso não exclui a ideia de que relações posteriores na vida do indivíduo podem alterar os seus modelos internos dinâmicos, modificando as suas imagens do *self* e dos outros e levando a interações mais ou menos adaptativas (Fraley, 2002).

Por refletirem o modo como os indivíduos se expressam nas relações próximas, recentes e prévias, vários estudos têm apontado que é nas relações românticas ou de casal que mais provavelmente se encontram comportamentos de vinculação nos adultos (e.g., Fraley & Shaver, 2000; Hazan & Shaver, 1987; Moreira et al., 2006; Nettle & Shaver, 2006). Assim, muitos instrumentos para a avaliação da vinculação no adulto focam-se principalmente neste tipo de relações para aceder ao comportamento de vinculação.

A avaliação da vinculação no adulto tem sido estudada por investigadores provenientes de duas tradições conceituais claramente distintas (Faria et al., 2007). Por um lado, os investigadores da perspetiva desenvolvimentista dão relevo à importância da representação das experiências precoces de vinculação e à sua influência no desenvolvimento; por outro, as investigações numa perspetiva social tendem a focar-se no modo como a teoria da vinculação se aplica ao estudo das relações interpessoais e dos processos de personalidade (Faria et al., 2007).

Os primeiros instrumentos de avaliação surgiram diretamente dos trabalhos sobre a primeira infância e a parentalidade. Associados à perspetiva desenvolvimentista, estes instrumentos dizem respeito às técnicas de entrevista estruturada de cariz representacional e foram desenvolvidos sobretudo por colaboradores diretos de Ainsworth (Moreira et al., 2006; Perdereau & Atger, 2004). Um exemplo é a *Adult Attachment Interview* (AAI), criada por George, Kaplan e Main, em 1984, que permite estudar a vinculação no adulto ao nível das representações, questionando os participantes sobre as suas experiências de vinculação

durante a infância e o efeito das mesmas na sua vida presente (Perdereau & Atger, 2004). Vale a pena salientar que o que a AAI avalia não é um comportamento de vinculação, mas um estado mental relativamente à vinculação (George, Kaplan, & Main, 1996).

A segunda corrente nasceu da investigação no campo da psicologia social, interessada na descrição de sistemas de equivalência funcional do sistema de vinculação na idade adulta, e utiliza maioritariamente questionários de autorrelato (Moreira et. al, 2006; Perdereau & Atger, 2004). De acordo com esta abordagem, existe uma equivalência funcional dos comportamentos, ou seja, todos os comportamentos diferentes que promovam a proximidade são considerados comportamentos de vinculação, partilhando assim uma significação semelhante e funções comuns (Sroufe & Waters, 1977).

No primeiro estudo enquadrado na área da psicologia social, publicado por Hazan e Shaver (1987), o estilo de vinculação nos adultos era avaliado através da escolha de um único item entre três parágrafos desenvolvidos pelos autores com base na literatura teórica e empírica acerca da vinculação na infância e extrapolados a partir dos três estilos de vinculação encontrados por Ainsworth e colaboradores (Moreira et al., 2006). Contudo, este método apresentava várias limitações, entre elas a obrigatoriedade de escolher apenas um parágrafo e as fracas qualidades psicométricas (Moreira et al., 2006). Por outro lado, este estudo abriu caminho à criação de itens com escalas de avaliação independentes, o que permitiu proceder à análise fatorial exploratória dessas escalas com o objetivo de identificar as dimensões das diferenças individuais subjacentes às respostas (Moreira et al., 2006). Ao longo do tempo, foram propostos vários avanços para a medição da vinculação em adultos, dos quais alguns modelos têm por base o pressuposto de que as medidas dimensionais são mais válidas e precisas do que as medidas categoriais (Nofle & Shaver, 2006).

Entre as várias propostas, o modelo dimensional mais influente é o de Bartholomew (1990; Bartholomew & Horowitz, 1991). Este concebe duas dimensões ortogonais que definem os quatro estilos de vinculação no adulto e correspondem aos modelos internos dinâmicos postulados por Bowlby: um modelo do *self* (relativo à preocupação de vinculação) e um modelo do outro (relativo à evitação de vinculação). Neste sentido, uma representação positiva de si e do outro corresponderia a um estilo seguro e uma representação negativa de si próprio mas positiva do outro corresponderia a um estilo ansioso-ambivalente (Moreira et al., 2006). Relativamente ao estilo evitante, Bartholomew (1990) propôs uma distinção entre evitante-receoso (*“fearful-avoidant”*) e evitante-desligado (*“dismissive-avoidant”*): o primeiro apresentaria uma representação negativa tanto de si como do outro e o segundo uma representação positiva de si mas negativa dos outros.

2.2.1 Dimensões básicas dos estilos de vinculação

Brennan, Clark e Shaver (1998) procederam a uma recolha exaustiva de 323 itens relacionados com a vinculação e também encontraram, através da análise fatorial das 60 escalas nas quais os itens se distribuíam, uma medida contínua de duas dimensões com correlações significativas com todas as escalas. As duas dimensões encontradas eram muito semelhantes às do estudo de Simpson, de 1990, e correspondiam às dimensões *evitação vs. conforto com a proximidade* (semelhante a *Evitação*) e *ansiedade/ambivalência vs. ausência de ansiedade/ambivalência* (semelhante a *Preocupação*). A dimensão *Preocupação* refere-se, assim, à ansiedade de rejeição e abandono e ao medo de não ser amado; enquanto a dimensão *Evitação* diz respeito ao evitamento de intimidade e dependência (Nofle & Shaver, 2006).

Com o objetivo de criar um questionário breve mas capaz de avaliar adequadamente estas duas dimensões, Brennan et al. (1998) selecionaram, entre a amostra inicial de itens, os 36 que apresentavam correlações mais elevadas com as duas dimensões, isto é, 18 itens para cada uma. Este estudo e as escalas derivadas do mesmo deram origem ao instrumento “Experiences in Close Relationships” (ECR, Brennan et al., 1998), utilizado neste trabalho na sua versão portuguesa “Experiências em Relações Próximas” (ERP, Moreira et al., 2006).

Diversos estudos têm dado suporte a esta representação bidimensional da vinculação nos adultos (e.g, Fraley & Shaver, 2000; Moreira et al., 2006). Neste sentido, este instrumento tem sido considerado o questionário de referência para a avaliação das duas dimensões básicas das diferenças individuais no estilo de vinculação dos adultos, tendo sido utilizado em numerosas investigações e traduzido em várias línguas (Moreira et al., 2006).

O ERP é um instrumento que permite obter dados rigorosos e válidos no que diz respeito às dimensões básicas do estilo de vinculação de adultos em relação aos seus parceiros relacionais mais próximos e importantes, quer pelas suas qualidades psicométricas, como pela clareza com que a análise fatorial exploratória reproduziu o modelo teórico subjacente ao instrumento original (Moreira et al., 2006). Os autores chamam a atenção para a maior adequação da avaliação da vinculação no adulto numa perspetiva dimensional ou contínua, na qual este instrumento se revelou válido, ao invés da classificação dos indivíduos em categorias discretas que correspondem aos estilos de vinculação.

3. Relação entre Personalidade e Vinculação

Nos anos 80, várias investigações vieram corroborar o papel fundamental que a vinculação desempenha no desenvolvimento da personalidade (Bowlby, 1988). Desde então tem-se admitido que a vinculação a uma figura protetora e de confiança desde o início da vida

assume uma grande importância na construção da personalidade, permitindo aos indivíduos desenvolver um sentido do *self* saudável, realista e coerente (Fonagy, 1999).

A capacidade de estabelecer laços emocionais íntimos com outros indivíduos é considerada, de acordo com a teoria da vinculação, o traço fundamental do funcionamento da personalidade e da saúde mental (Bowlby, 1988). Além disso, acredita-se que o padrão de vinculação se torna parte integrante da estrutura da personalidade do indivíduo, influenciando as suas características e o seu comportamento ao longo da vida (Ainsworth, 1985; Bowlby, 1988). Como tal, a teoria da vinculação tem sido indicada como um modelo clinicamente útil e teoricamente coeso para a compreensão de vários aspetos intrapsíquicos e interpessoais da personalidade, bem como das perturbações da personalidade (Levy et al., 2015).

3.1 O papel da vinculação no desenvolvimento da personalidade

Bowlby (1973) baseia-se em dois modelos que procuram explicar o desenvolvimento da personalidade para apresentar a sua própria conceção e discutir o papel da vinculação nesse âmbito. O primeiro é o modelo clássico de Freud e o segundo é a teoria da epigénese de Waddington, de 1957. O modelo freudiano concebe o desenvolvimento da personalidade como uma progressão ao longo de estádios, nos quais os indivíduos se podem fixar ou regredir a fases anteriores. A perspetiva de Bowlby encara a personalidade como uma estrutura que se desenvolve continuamente ao longo de um entre vários grupos de potenciais *percursos de desenvolvimento*, os quais vão diminuindo com a idade (Soares, 1996). O percurso tomado pelo indivíduo depende, em cada fase, da interação entre o indivíduo e o meio envolvente, e é à medida que o indivíduo prossegue esse percurso que a personalidade se vai diferenciando progressivamente (Soares, 1996). Alguns desses caminhos propiciam o desenvolvimento de uma personalidade saudável, enquanto outros se afastam em direção à psicopatologia (Bowlby, 1988).

O que Bowlby (1973) pretende sublinhar é que os indivíduos são sensíveis às condições do meio e que as experiências da criança no meio familiar são determinantes na qualidade do percurso de desenvolvimento. O ponto-chave desta perspetiva é que, embora a capacidade para realizar mudanças adaptativas no desenvolvimento e a sensibilidade ao meio diminuam com a idade, a possibilidade de ser vulnerável às adversidades ou permeável a acontecimentos favoráveis mantém-se continuamente ao longo da vida (Bowlby, 1988). Para explicar as divergências quanto ao percurso de desenvolvimento dos indivíduos, Bowlby (1969/1982, 1973, 1980) dá relevo às experiências ou ameaças de separação e às perdas, enquanto eventos traumáticos que podem levar a perturbações no desenvolvimento.

Os processos que tendem a manter o percurso de desenvolvimento da personalidade resultam de uma combinação de fatores individuais e do meio externo (Soares, 1996). Os primeiros dizem respeito às características estruturais da personalidade que, uma vez desenvolvidas, têm os seus próprios meios de autorregulação no sentido da estabilidade; os segundos referem-se à tendência para a constância do contexto familiar em que a criança cresce (Soares, 1996). Nesta relação bidirecional, o indivíduo é considerado por Bowlby (1973) um agente ativo e organizador do seu próprio meio.

Segundo Bowlby (1988), cuidar, procurar cuidado e explorar o meio – o que inclui a interação social – são componentes básicas do ser humano. Em geral, somente quando um indivíduo se sente seguro é que tende a explorar, recorrendo ao longo da vida à sua base segura (e.g., o seu lar, as figuras parentais) quando necessário. Esta base segura é, assim, essencial à saúde mental e ao funcionamento do indivíduo (Bowlby, 1988), permitindo que o indivíduo se equilibre entre movimentos de procura de cuidado e exploração.

Uma vez que os indivíduos demonstram uma capacidade crescente para interagir socialmente e para retirar prazer dessa interação desde o nascimento (Stern, 1985), Bowlby (1988) refere que essa motivação humana é organizada por um sistema cibernético de controlo localizado no sistema nervoso central, o qual mantém uma certa homeostasia entre os mecanismos de distanciamento e proximidade. Ora, a presença de um sistema de controlo do comportamento de vinculação e a sua relação com os modelos funcionais do *self* e dos outros, que começam a formar-se na infância, integram o funcionamento da personalidade durante toda a vida. Esses modelos apresentam, ainda que nem sempre, uma certa persistência, uma vez que tanto o modo como os pais tratam a criança tende a continuar no tempo, como o próprio modelo tende a ser autoperpetuante (Bowlby, 1988).

Para haver uma relação harmoniosa entre dois indivíduos é necessário que cada um esteja consciente dos pontos de vista, objetivos, sentimentos, necessidades e desejos do outro. Esta capacidade de reconhecer e compreender os estados mentais próprios e do outro corresponde ao conceito de *mentalização* e apresenta uma forte relação com o modelo de vinculação de cada indivíduo (Fonagy, Gergely, Jurist, & Target, 2002). A atualização gradual e regular dos modelos do *self* e dos outros, através de uma comunicação emocional e cognitiva livre, que se inicia na infância com as figuras parentais ou substitutas, é essencial a uma vinculação segura (Bowlby, 1988) e, conseqüentemente, esta propicia fortemente o desenvolvimento da capacidade de mentalização (Fonagy et al., 2002).

O ponto fulcral das ideias de Bowlby é que há uma relação significativa entre as experiências de vinculação na infância e na adolescência e a capacidade de estabelecer

relações afetivas próximas na idade adulta (Soares, 1996). Esta capacidade depende do modo como as figuras de vinculação desempenharam o seu papel enquanto base segura que proporciona uma compreensão empática à criança (Bowlby, 1979). Nestas condições, de acordo com Soares (1996), as crianças tornam-se seguras, confiantes em si e nos outros, cooperantes e prestáveis, podendo dizer-se, à luz de conceitos psicodinâmicos, que demonstram uma *confiança básica* (Erikson, 1976), uma *dependência madura* (Fairbairn, 2000) ou que parecem ter *introjetado um bom objeto* (Klein, 1948). Este sentimento de segurança e confiança em si e nos outros é essencial ao longo da vida para criar e manter relações interpessoais saudáveis (Bowlby, 1988).

Por outro lado, na infância, quando há uma comunicação em que a mãe não reconhece nem responde de forma regular e adequada às necessidades da criança, a liberdade para comunicar tende a diminuir e a insegurança tende a aumentar (Soares, 1996). Uma vez que o modelo do *self* da criança é influenciado pelo modo como a mãe a vê e cuida, o que a mãe deixa de reconhecer nela pode levar a que ela própria deixe de reconhecer em si (Soares, 1996). Quando a mãe responde favoravelmente apenas a algumas comunicações da criança e ignora ou desencoraja outras, fica estabelecido um modelo em que a criança se identifica tendencialmente com as respostas favoráveis e despreza as outras (Soares, 1996). Assim, a teoria da vinculação permite explicar não só o desenvolvimento de personalidades saudáveis, como também o de personalidades patológicas que tendem ao desenvolvimento de um falso-*self* e de outras vulnerabilidades para a doença mental (Bowlby, 1988; Soares, 1996).

3.2 Perturbações da personalidade e estilos de vinculação na idade adulta

Atualmente admite-se que a teoria da vinculação fornece um quadro explicativo suficientemente abrangente e parcimonioso para a compreensão da etiologia, do desenvolvimento e da manutenção das perturbações da personalidade, cuja prevalência é muito elevada (Levy et al., 2015).

Já Bowlby (1977) mencionara que uma vinculação insegura pode conduzir ao desenvolvimento de perturbações da personalidade. De acordo com este autor, a ansiedade/preocupação de vinculação pode conduzir a um padrão de ansiedade desgastante em relações próximas e a uma incapacidade de regular o afeto negativo intenso, enquanto a evitação de vinculação contribui para a desconfiança nas relações e para comportamentos de distanciamento, resultando na supressão das emoções.

Estudos mais recentes vão no mesmo sentido, colocando a hipótese de que as dificuldades intrapsíquicas e interpessoais na base das perturbações da personalidade são

provenientes de esquemas maladaptativos ou dificuldades de vinculação (Fonagy et al., 1995; Levy, 2005; Levy et al., 2015). Tais estudos têm-se focado, sobretudo, na relação entre a vinculação insegura e a perturbação da personalidade estado-limite (*borderline*), sendo que outras perturbações da personalidade, tais como a antissocial e a evitante têm sido menos estudadas neste âmbito (Duquesnoy & Guedeney, 2004; Levy et al., 2015). Outros estudos encontraram relações entre o estilo de vinculação ansioso-ambivalente e as perturbações da personalidade histriónica, dependente e evitante; entre o estilo de vinculação inseguro-desligado e as perturbações da personalidade paranoide, narcísica, antissocial e esquizoide; e entre o estilo de vinculação inseguro-evitante e as perturbações da personalidade esquizotípica, paranoide, evitante, *borderline*, obsessiva-compulsiva e narcísica (Levy, 2005).

Blatt e Levy (2003) propõem que indivíduos com um estilo de vinculação ansioso-ambivalente se encontram num contínuo entre ausência de perturbação da personalidade e a perturbação da personalidade *borderline*, incluindo também as perturbações da personalidade histriónica e dependente em diferentes níveis de adaptação. Estes autores referem inclusive que indivíduos com estilo de vinculação inseguro-desligado podem ser descritos como mais ou menos adaptados, podendo situar-se desde a ausência de perturbação da personalidade, às perturbações da personalidade obsessiva-compulsiva, evitante, *borderline* ou antissocial.

Bowlby (1973) também sugere que a vinculação insegura-ansiosa está relacionada com personalidades dependentes e histriónicas e que a vinculação insegura-evitante pode levar a perturbações da personalidade narcísica e psicopática. Outros estudos têm concluído que as personalidades antissociais, narcísicas, evitantes e esquizoides se caracterizam pelo empobrecimento das relações interpessoais, sendo mais evitantes; enquanto as personalidades *borderline* e dependentes apresentam uma tendência para debater-se com sentimentos intensos de solidão e medo de abandono, demonstrando ser mais ansiosas/preocupadas (Gunderson & Lyons-Ruth, 2008).

Relativamente às dimensões básicas da vinculação, diversos estudos mostram haver uma relação consistente entre a ansiedade/preocupação de vinculação e a perturbação da personalidade *borderline* (Levy, 2005) e uma relação menos consistente ou inexistente entre esta perturbação e a evitação de vinculação (e.g., Meyer, Pilkonis, & Beevers, 2004, cit. por Levy et al., 2015). Contudo, outros estudos têm mostrado correlações entre a evitação e a perturbação da personalidade *borderline* quando a preocupação/ansiedade também se encontra elevada (Levy, Meehan, Weber, Reynoso, & Clarkin, 2005, cit. por Levy et al., 2015). De modo mais específico, os traços agressividade, impulsividade e afeto negativo

foram identificados como variáveis associadas à relação entre vinculação e perturbação da personalidade *borderline* (Scott, Levy, & Pincus, 2009).

Em suma, apesar de não serem claras e bem definidas as relações entre padrões de vinculação e perturbações da personalidade, vários resultados têm dado suporte à existência de relação entre estas patologias e a vinculação insegura (Levy, 2005; Levy et al., 2015).

3.3 Traços de personalidade e dimensões da vinculação na idade adulta

Num estudo de grandes proporções que contou com 8318 participantes, Nofhle e Shaver (2006) encontraram diversas associações entre os cinco fatores da personalidade e as duas dimensões dos estilos de vinculação em adultos (preocupação e evitação). Para tal, utilizaram medidas dimensionais da vinculação (ECR; Brennan et al., 1998) e dos cinco fatores da personalidade (NEO-PI-R, Costa & McCrae, 1992; BFI, John, Donahue, & Kentle, 1991). Considerando que, como referido, os domínios e facetas do PID-5 constituem variantes desadaptativas do Modelo dos Cinco Fatores da Personalidade, tais resultados tornam-se muito relevantes no presente trabalho, ajudando a compreender a relação entre os traços da personalidade saudáveis e patológicos e as dimensões da vinculação nos adultos.

Nesta investigação, tanto a Preocupação como a Evitação de vinculação, mas sobretudo a Preocupação, se correlacionaram diretamente com Neuroticismo, o que veio, segundo os autores, confirmar os resultados obtidos em estudos anteriores. Neste domínio da personalidade, a Preocupação correlacionou-se significativamente com as facetas Depressão, Vulnerabilidade e Ansiedade. Segundo os autores, estes resultados vão ao encontro de estudos prévios que sugerem que uma vinculação ansiosa (ou preocupada) está relacionada com o indivíduo sentir-se inadequadamente amado e com controlo insuficiente de situações interpessoais, permanecendo vulnerável e vigilante (e.g., Thompson, 1999). A dimensão Preocupação correlacionou-se inversamente com o traço Amabilidade (Nofhle & Shaver, 2006). A escala Evitação também se correlacionou diretamente com as facetas Depressão e Vulnerabilidade, revelando sinais de insegurança nos indivíduos evitantes. Além disso, correlacionou-se inversamente com Amabilidade (sobretudo com as facetas Confiança e Altruísmo) e Extroversão (com as facetas Emoções positivas, Acolhimento caloroso e Gregariedade), o que corrobora as evidências de relação entre frieza e rejeição parental e a evitação da criança (e.g., Thompson, 1999). De igual modo, correlacionou-se inversamente com Abertura à Experiência (com a faceta Sentimentos), reforçando que a Evitação está relacionada com a supressão de emoções (e.g., Mikulincer & Shaver, 2007).

Ainda no estudo de Nofle e Shaver (2006), no domínio Extroversão, encontrou-se que quer a Preocupação como a Evitação estão inversamente correlacionados com a faceta Assertividade. Encontrou-se também uma correlação inversa entre ambas as dimensões da vinculação e Conscienciosidade (sobretudo as facetas Competência e Autodisciplina), sugerindo uma associação positiva entre uma vinculação insegura e a incapacidade de tomar decisões com ponderação e assumir compromissos. Neste sentido, este domínio parece estar diretamente relacionado com uma vinculação segura.

De um modo mais geral, a meta-análise de Nofle e Shaver (2006) aponta que outros estudos mostraram uma relação entre os cinco fatores da personalidade e os estilos de vinculação (seguro, ansioso-ambivalente e evitante). Assim, encontrou-se que uma vinculação segura se correlaciona diretamente com Extroversão, Amabilidade e Conscienciosidade e inversamente com Neuroticismo (e.g., Carver, 1997; Neyer & Voigt, 2004; Shaver, Billings, Eveleth, & Gilbert, 1996; Shaver & Brennan, 1992; citados por Nofle & Shaver, 2006). Quanto à Abertura à Experiência, a maioria dos estudos não encontrou uma relação inteligível com a vinculação segura. Também se descobriu que a vinculação ansiosa-ambivalente se correlaciona diretamente com Neuroticismo e inversamente com Extroversão, Amabilidade e Conscienciosidade, enquanto a relação com Abertura à Experiência não é clara (e.g., Baeckstroem & Holmes, 2001; Carver, 1997; Griffin & Bartholomew, 1994; Shaver et al., 1996; Shaver & Brennan, 1992; citados por Nofle & Shaver, 2006). Por último, encontrou-se uma correlação direta entre a vinculação evitante e o Neuroticismo e inversa com Extroversão e Amabilidade, não sendo a relação com Abertura à Experiência e Conscienciosidade unânime (e.g., Baeckstroem & Holmes, 2001; Griffin & Bartholomew, 1994; Shaver & Brennan, 1992; citados por Nofle & Shaver, 2006).

Relativamente à análise de regressão, o estudo de Nofle e Shaver (2006) indicou que os cinco fatores da personalidade explicam menos de metade da variabilidade das duas dimensões da vinculação, o que significa que a relação entre ambas as variáveis não é redundante. Por outro lado, um estudo de Fossati et al. (2015) mostrou que as escalas da *Attachment Style Questionnaire* (ASQ) predizem significativamente os domínios e facetas do PID-5, com exceção apenas da faceta Envolvimento em comportamentos de risco. Este estudo sugere, assim, que os traços patológicos do modelo alternativo do DSM-5 para as perturbações da personalidade estão significativamente associados com os estilos de vinculação no adulto (Fossati et al., 2015).

Problematização

Com base na revisão de literatura realizada no âmbito dos traços da personalidade e da vinculação no adulto, verificou-se a existência de relação entre estes constructos. No presente estudo surge o interesse em investigar a relação entre os traços de personalidade descritos no modelo de traços que o Inventário da Personalidade para o DSM-5 (PID-5) – Adultos operacionaliza e as duas dimensões básicas dos estilos de vinculação em adultos, avaliadas pelo Experiências em Relações Próximas (ERP).

Como explicado anteriormente, em resposta às limitações do tradicional modelo categorial de avaliação da personalidade, a 5ª edição do DSM propõe um modelo alternativo de avaliação da personalidade que concilia as abordagens dimensional e categorial. A APA encoraja fortemente a realização de investigações sobre este novo modelo e os instrumentos que dele derivam, i. e., o PID-5 – Adultos, para averiguar as suas potencialidades e limitações na avaliação da personalidade. O presente estudo vem colaborar nesse sentido, procurando inclusivamente contribuir para a validação deste instrumento para a população portuguesa.

1. Objetivos

Considerando a existência de relação entre os traços de personalidade e a vinculação nos adultos, como visto anteriormente, pretende-se com este estudo: (a) aprofundar o conhecimento acerca desta interação, procedendo à análise e discussão das relações entre os traços de personalidade e as dimensões básicas dos estilos de vinculação numa amostra da população adulta não-clínica, (b) contribuir para a validação do PID-5 – Adultos para a população portuguesa, e (c) obter uma melhor compreensão das potencialidades e limitações do PID-5 – Adultos na avaliação da personalidade.

2. Hipóteses

Com base na revisão de literatura efetuada, foram definidas hipóteses para o presente estudo. Neste sentido, é de esperar que:

1. Os resultados na dimensão Preocupação da vinculação estejam diretamente relacionados com os resultados no domínio Afetividade Negativa; bem como com os resultados nas facetas (a) Ansiedade, (b) Insegurança de separação, (c) Depressividade e (d) Submissão;
2. Os resultados na dimensão Preocupação da vinculação estejam diretamente relacionados com os resultados no domínio Desinibição; bem como com os

resultados nas facetas (a) Impulsividade, (b) Irresponsabilidade e (c) Distratibilidade;

3. Os resultados na dimensão Preocupação da vinculação estejam diretamente relacionados com os resultados no domínio Antagonismo;
4. Os resultados na dimensão Preocupação da vinculação estejam diretamente relacionados com os resultados no domínio Desprendimento;
5. Os resultados na dimensão Evitação da vinculação estejam diretamente relacionados com os resultados no domínio Afetividade Negativa; bem como com os resultados nas facetas (a) Ansiedade e (b) Depressividade;
6. Os resultados na dimensão Evitação da vinculação estejam diretamente relacionados com os resultados no domínio Desprendimento; bem como com os resultados nas facetas (a) Afastamento, (b) Evitamento de intimidade, (c) Suspeição e (d) Afetividade restrita.
7. Os resultados na dimensão Evitação da vinculação estejam diretamente relacionados com os resultados no domínio Antagonismo; bem como com os resultados na faceta (a) Insensibilidade;
8. Os resultados na dimensão Evitação da vinculação estejam diretamente relacionados com os resultados no domínio Desinibição; bem como com os resultados nas facetas (a) Impulsividade, (b) Irresponsabilidade e (c) Distratibilidade;
9. As dimensões Preocupação e Evitação da vinculação sejam preditoras do domínio de personalidade Afetividade negativa;
10. As dimensões Preocupação e Evitação da vinculação sejam preditoras do domínio de personalidade Desprendimento;
11. As dimensões Preocupação e Evitação da vinculação sejam preditoras do domínio de personalidade Antagonismo;
12. As dimensões Preocupação e Evitação da vinculação sejam preditoras do domínio de personalidade Desinibição;
13. As dimensões Preocupação e Evitação da vinculação sejam preditoras do domínio de personalidade Psicoticismo;

Método

As variáveis em estudo foram medidas através de dois instrumentos: o Inventário da Personalidade para o DSM-5 – Adultos (Pires, Silva, Fagulha, & Gonçalves, 2014) e o Experiências em Relações Próximas (Moreira et al., 2006), respetivamente. O PID-5 – Adultos foi escolhido por operacionalizar o modelo de traços patológicos subjacente à avaliação da personalidade proposta no DSM-5, pretendendo-se com este estudo contribuir para a validação do instrumento para a população portuguesa. Por sua vez, a escolha do ERP deveu-se ao facto de, atualmente, este questionário ser uma referência para a avaliação das duas dimensões dos estilos de vinculação nos adultos (Preocupação e Evitação), além de apresentar adequadas qualidades psicométricas.

1. Participantes

O presente estudo contou com a participação de 106 indivíduos da população adulta portuguesa, com idades compreendidas entre os 19 e os 77 anos ($M=35.66$; $DP=14.52$). Na sua maioria os participantes eram do sexo feminino (59.4%), estado civil solteiro (51.9%), com um nível superior de ensino (56.6%) e empregados do ponto de vista laboral (53.8%). O quadro 1 apresenta as características sociodemográficas da amostra.

Quadro 1.

Características sociodemográficas da amostra (N=106)

		Valor	Percentagem
Idade (anos)			
	Mínima	19	
	Máxima	77	
	M	35.66	
	DP	14.52	
Sexo			
	Masculino	43	40.6%
	Feminino	63	59.4%
Estado Civil			
	Solteiro(a)	55	51.9%
	Casado(a) ou vivendo como tal	41	38.7%

	Viúvo(a)	2	1.9%
	Divorciado(a) ou separado(a)	8	7.5%
Habilitações Literárias			
	6º ano	5	4.7%
	9º ano	5	4.7%
	12º ano	36	34.0%
	Licenciatura ou mais	60	56.6%
Situação Laboral			
	Empregado(a)	57	53.8%
	Desempregado(a)	6	5.7%
	Reformado(a)	4	3.8%
	Dona de casa	4	3.8%
	Estudante	35	33.0%

2. Instrumentos e medidas

O protocolo de investigação era constituído por três instrumentos: um Questionário Sociodemográfico, o Inventário da Personalidade para o DSM-5 – Adultos (Pires, Silva, Fagulha, & Gonçalves, 2014) e o Experiências em Relações Próximas (Moreira et al., 2006).

2.1 Questionário Sociodemográfico

Este questionário com 16 questões tinha como objetivo recolher um conjunto de dados sobre os participantes (entre os quais o sexo, a idade, o nível de ensino concluído, a situação laboral, o estado civil, o agregado familiar atual e o grau e qualidade de contato nas relações familiares e de amizade), de modo a elaborar uma caracterização geral da amostra.

2.2 Inventário da Personalidade para o DSM-5 – Adultos

O Inventário da Personalidade para o DSM-5 – Adultos (Pires, Silva, Fagulha, & Gonçalves, 2014), versão portuguesa do The Personality Inventory for DSM-5 – Adult (Krueger, Derringer, Markon, Watson, & Skodol, 2012), é um dos instrumentos derivados da nova conceptualização das Perturbações da Personalidade proposta na Secção III da 5ª edição do Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais da Associação Psiquiátrica Americana. É um inventário de autorrelato para adultos com idade igual ou superior a 18 anos que se destina à avaliação da personalidade e ao diagnóstico de eventuais perturbações da personalidade. É constituído por 220 itens, avaliados numa escala de Likert de 4 pontos,

em que 0 corresponde a “Muito falso ou Muitas vezes falso”, 1 corresponde a “Poucas vezes verdade”, 2 corresponde a “Algumas vezes verdade” e 3 corresponde a “Muito verdade ou Muitas vezes verdade”. Existem 16 itens formulados no sentido oposto ao da generalidade da escala, pelo que houve a necessidade de os inverter previamente à cotação. Este instrumento avalia 25 facetas, cada uma constituída por entre 4 a 14 itens. A combinação de grupos de três facetas permite caracterizar 5 domínios que refletem características patológicas da personalidade: Afetividade Negativa (Labilidade emocional, Ansiedade, Insegurança de separação), Desprendimento (Anedonia, Afastamento, Evitamento de intimidade), Antagonismo (Manipulação, Falsidade, Grandiosidade), Desinibição (Irresponsabilidade, Impulsividade, Distratibilidade) e Psicoticismo (Crenças e experiências incomuns, Excentricidade, Desregulação cognitiva e percetual). Quanto à consistência interna, os alfas de Cronbach no estudo original de Krueger, Derringer, Markon, Watson, e Skodol (2012) para cada uma das facetas variaram entre .72 (Grandiosidade) e .96 (Excentricidade), com uma mediana de .86, e para os domínios entre .84 (Desinibição) e .96 (Desprendimento e Psicoticismo). Já no estudo experimental da versão portuguesa de Pires, Silva, e Ferreira (2015) os valores de alfa variaram entre .70 e .95 para as facetas e para os domínios, com uma mediana de .84 (ver Quadro 2, para fins de comparação com o presente estudo).

2.3 Experiências em Relações Próximas

O Experiências em Relações Próximas (Moreira et al., 2006), versão portuguesa do Experiences in Close Relationships (Brennan, Clark, & Shaver, 1998), é um questionário de autorrelato que surgiu a partir da análise fatorial de um conjunto de itens em uso corrente na avaliação da vinculação em adultos (Brennan et al., 1998; Moreira et al., 2006). É constituído por 36 itens e pretende avaliar as duas dimensões básicas das diferenças individuais no estilo de vinculação dos adultos em relação aos pares românticos: Preocupação e Evitação (18 itens para cada escala). Os itens encontram-se intercalados de forma sistemática, correspondendo os números pares à escala Preocupação e os números ímpares à escala Evitação. Existem ainda 10 itens formulados no sentido oposto ao da generalidade da escala, pelo que houve a necessidade de os inverter previamente à cotação. Os itens são avaliados numa escala de Likert de 7 pontos, em que 1 corresponde a “Discordo fortemente”, 4 corresponde a “Neutro/Misto” e 7 corresponde a “Concordo fortemente”, encontrando-se apenas estes pontos definidos na escala. Em relação à consistência interna, no estudo original de Brennan, Clark, e Shaver (1998) a Preocupação/Ansiedade apresentou um alfa de .91 e a Evitação um alfa de .94, enquanto nos estudos da adaptação portuguesa de Moreira et al. (2006) a escala

Preocupação apresentou alfas entre .82 e .87 e a escala Evitação apresentou alfas entre .88 e .93 (ver Quadro 3, para fins de comparação com o presente estudo).

3. Procedimento

Esta investigação consistiu num estudo transversal com adultos portugueses, em que as aplicações dos protocolos foram individuais, informadas e consentidas. Para tal, pediu-se a leitura e assinatura de um consentimento informado (ver anexo III) e garantiu-se a confidencialidade dos participantes através da atribuição de um número de ordem. A recolha dos dados decorreu entre fevereiro e agosto de 2016, período durante o qual os participantes receberam um envelope com o protocolo, o qual devolveram preenchido ao investigador.

Foi recolhida uma amostra de conveniência, através do método “bola de neve”, no contexto dos contactos sociais e académicos do investigador. Os critérios de participação consistiram na idade dos participantes ser igual ou superior a 18 anos, não apresentarem evidências de doença mental (população não-clínica) e terem nacionalidade portuguesa.

Após a recolha, procedeu-se à elaboração da base de dados e à respetiva inversão necessária dos itens do PID-5 – Adultos e do ERP. De seguida, os dados foram cotados e analisados com recurso ao *software* estatístico *IBM SPSS Statistics 23*.

Resultados

No tratamento dos dados procurou-se inicialmente estudar as características psicométricas dos instrumentos utilizados, recorrendo-se ao estudo da precisão através dos resultados do coeficiente Alfa de Cronbach. No sentido de conhecer o poder discriminativo de cada item considerou-se o estudo das correlações item-total corrigidas e a análise do coeficiente Alfa com exclusão sucessiva de cada item.

De modo a escolher as técnicas a utilizar para testar as hipóteses colocadas, procedeu-se ao estudo da normalidade das distribuições das diversas variáveis em estudo, tendo considerado vários critérios: os coeficientes de assimetria e curtose, o teste de ajustamento de *Kolmogorov-Smirnov* ($N > 30$), os diagramas de caule e folhas e as representações gráficas *Q-Q plots*. Relativamente ao ERP, a distribuição dos resultados na escala Preocupação revelou-se normal, enquanto a escala Evitação se afastou consideravelmente da distribuição normal dado que se revelou muito assimétrica. No que diz respeito ao PID-5 – Adultos, apenas no domínio Afetividade negativa se pôde admitir a normalidade da distribuição dos seus resultados, enquanto os restantes quatro domínios e todas as vinte e cinco facetas

apresentaram distribuições muito divergentes da distribuição normal. Desta forma, a análise estatística dos dados obtidos nos 106 participantes, para verificação (ou não) das hipóteses estabelecidas recorreu a técnicas estatísticas não-paramétricas. Para a análise das relações entre os traços da personalidade (domínios e facetas do PID-5 – Adultos) e as dimensões básicas dos estilos de vinculação em adultos (escalas do ERP), analisou-se a linearidade das relações através dos diagramas de dispersão e aplicou-se o coeficiente de correlação de *Spearman* e o respetivo teste de significância.

1. Estudo metrológico

1.1 PID-5: Inventário da Personalidade para o DSM-5 – Adultos

Precisão

Em relação aos coeficientes de precisão apresentados no Quadro 2, este instrumento mostrou uma adequada consistência interna, com os domínios e facetas a apresentar um Alfa de Cronbach entre .70 e .95, valores aproximados aos encontrados no estudo original de Krueger et al. (2012), também apresentado no Quadro 2, e ao estudo de Pires et al. (2015).

Apesar dos adequados valores de alfa, é preciso referir que alguns itens não parecem contribuir para a precisão da escala, i.e., o valor de alfa não diminui quando esses itens são retirados. Esses itens são os seguintes: item 96 na faceta Ansiedade, item 113 na faceta Procura de atenção, item 90 na faceta Insensibilidade, item 142 na faceta Falsidade, itens 86 e 119 na faceta Depressividade, item 47 na faceta Distratibilidade, item 18 na faceta Labilidade emocional, item 40 na faceta Grandiosidade, item 58 na faceta Impulsividade, item 120 na faceta Evitamento de intimidade, item 59 na faceta Desregulação cognitiva e perceptual, item 45 na faceta Afetividade restrita, item 35 na faceta Envolvimento em comportamentos de risco, itens 12 e 57 na faceta Insegurança de separação, item 177 na faceta Suspeição; relativamente aos domínios, itens 57 e 96 no domínio Afetividade negativa; itens 30 e 97 no domínio Desprendimento; itens 65, 107, 142, 179 no domínio Antagonismo; item 160 no domínio Desinibição; e itens 36, 37, 42, 44, 59, 94, 143, 150 e 154 no domínio Psicoticismo. Verificou-se ainda existir indicação para retirar os itens 150 na faceta Crenças e experiências incomuns e 20 na faceta Afastamento, uma vez que o Alfa de Cronbach aumenta bastante (de .70 para .78). Dada a fase de validação da versão portuguesa do PID-5 – Adultos em curso, estes itens não foram retirados no presente estudo, registando-se apenas esta particularidade.

Quadro 2.

Coeficientes de precisão e medidas descritivas dos domínios e facetas do PID-5 - Adultos

	α		Média	Desvio- padrão	Mínimo	Máximo
	Krueger et al. (2012)	Presente estudo				
Afetividade negativa	.93	.89	1.17	.51	.13	2.60
Labilidade emocional	.89	.79	1.18	.63	.00	3.00
Ansiedade	.91	.83	1.38	.61	.11	2.89
Insegurança de separação	.85	.77	.94	.59	.00	2.57
Submissão	.78	.81	.80	.67	.00	2.75
Hostilidade	.89	.82	.93	.54	.00	2.40
Perseveração	.88	.84	.91	.57	.00	2.44
Desprendimento	.96	.92	.75	.51	.04	2.53
Afastamento	.93	.89	.77	.61	.00	2.70
Evitamento da intimidade	.84	.84	.58	.68	.00	3.00
Anedonia	.88	.83	.89	.55	.00	2.88
Depressividade	.95	.90	.60	.53	.00	2.71
Suspeição	.73	.70	.96	.55	.00	2.57
Afetividade restrita	.73	.83	1.04	.67	.00	2.71
Antagonismo	.95	.89	.61	.43	.00	1.99
Manipulação	.81	.76	.69	.56	.00	2.40
Falsidade	.85	.84	.45	.44	.00	1.90
Grandiosidade	.72	.71	.68	.53	.00	2.50
Procura de atenção	.89	.90	.69	.64	.00	2.50
Insensibilidade	.91	.83	.36	.38	.00	1.71
Desinibição	.84	.90	.79	.48	.05	2.58
Irresponsabilidade	.81	.75	.43	.46	.00	2.29
Impulsividade	.77	.89	.88	.72	.00	3.00
Distratibilidade	.91	.88	1.07	.65	.00	3.00
Envolvimento em comportamentos de risco	.85	.88	1.11	.56	.00	3.00

Perfeccionismo rígido	.90	.84	1.11	.59	.00	2.50
Psicoticismo	.96	.95	.53	.47	.00	2.04
Crenças e experiências incomuns	.83	.83	.45	.52	.00	2.38
Excentricidade	.96	.94	.60	.61	.00	2.23
Desregulação cognitiva e perceptual	.86	.82	.53	.45	.00	2.17

N = 106; Missing = 0

1.2 ERP: Experiências em Relações Próximas

Precisão

No que diz respeito aos coeficientes de precisão, apresentados no Quadro 3, este instrumento mostrou uma adequada consistência interna, com Preocupação a apresentar um alfa de .83 e Evitação um alfa de .93. Estes valores encontram-se relativamente aproximados aos obtidos quer no estudo original de Brennan et al. (1998), apresentados no Quadro 3, como aos valores obtidos na versão portuguesa de Moreira et al. (2006).

Apesar dos adequados valores de alfa, é preciso referir que alguns itens não parecem contribuir para a precisão da escala, i.e., que o valor de alfa não diminui quando esses itens são retirados. Estes correspondem aos itens 4, 26 e 34 para a escala Preocupação e ao item 15 para a escala Evitação.

Quadro 3.

Coeficientes de precisão e medidas descritivas das dimensões do ERP

	α		Média	Desvio- padrão	Mínimo	Máximo
	Brennan et al. (1998)	Presente estudo				
Preocupação ¹	.91	.83	3.96	.87	2.17	6.61
Evitação ²	.94	.93	2.58	1.14	1.00	5.61

¹*N = 102; Missing = 4*

²*N = 105; Missing = 1*

2. Estudo correlacional

Como referido, para a análise correlacional utilizou-se o coeficiente de *Spearman* e o respetivo teste de significância para averiguar as relações entre as variáveis. No Quadro 4 apresentam-se as relações entre as dimensões do ERP e as escalas do PID-5 – Adultos.

Quadro 4.

Coeficientes de correlação de Spearman e respetiva significância estatística no estudo da relação entre as dimensões do ERP e os domínios e facetas do PID-5 – Adultos

	Preocupação	Evitação
Afetividade negativa	.57**	.10
Labilidade emocional	.42**	.13
Ansiedade	.42**	.13
Insegurança de separação	.55**	.00
Submissão	.14	.05
Hostilidade	.34**	.27**
Perseveração	.35**	.35**
Desprendimento	.24*	.64**
Afastamento	.23*	.50**
Evitamento da intimidade	.06	.65**
Anedonia	.31**	.47**
Depressividade	.39**	.39**
Suspeição	.30**	.48**
Afetividade restrita	.11	.46**
Antagonismo	.16	.28**
Manipulação	.12	.16
Falsidade	.24*	.35**
Grandiosidade	.11	.22*
Procura de atenção	.23*	.01
Insensibilidade	.21*	.39**
Desinibição	.39**	.35**
Irresponsabilidade	.17	.26**
Impulsividade	.34**	.23*
Distratibilidade	.35**	.36**

Envolvimento em comportamentos de risco	-.01	.19*
Perfeccionismo rígido	.32**	.10
Psicoticismo	.31**	.38**
Crenças e experiências incomuns	.19	.28**
Excentricidade	.34**	.38**
Desregulação cognitiva e perceptual	.28**	.33**

$N=106$

* $p \leq .05$, ** $p \leq .01$

Hipótese 1)

Nesta primeira hipótese esperava-se que os resultados na dimensão Preocupação do ERP estivessem diretamente relacionados com os resultados no domínio Afetividade negativa do PID-5 – Adultos. Como é possível verificar a partir do Quadro 4, encontrou-se uma relação direta, moderada e altamente significativa entre Preocupação e Afetividade negativa ($r_s = .57$, $p \leq .01$), o que confirma a hipótese avançada. Relativamente às sub-hipóteses em análise, em (a) encontrou-se uma relação direta, moderada e altamente significativa ($r_s = .42$, $p \leq .01$), o que confirma a hipótese de relação direta entre a dimensão Preocupação e a faceta Ansiedade; em (b) encontrou-se uma relação direta, moderada e altamente significativa ($r_s = .55$, $p \leq .01$), o que confirma a hipótese de relação direta entre a dimensão Preocupação e a faceta Insegurança de separação; em (c) encontrou-se uma relação direta, moderada e altamente significativa ($r_s = .39$, $p \leq .01$), pelo que a hipótese de relação direta entre a dimensão Preocupação e a faceta Depressividade se confirmou; e, por último, em (d) encontrou-se uma relação direta, fraca e não significativa ($r_s = .14$, $p > .05$), o que conduziu à rejeição da hipótese de relação entre a dimensão Preocupação e a faceta Submissão.

Hipótese 2)

Nesta hipótese esperava-se que os resultados na dimensão Preocupação do ERP estivessem diretamente relacionados com os resultados no domínio Desinibição do PID-5 – Adultos. Como é possível verificar a partir do Quadro 4, encontrou-se uma relação direta, moderada e altamente significativa entre Preocupação e Desinibição ($r_s = .39$, $p \leq .01$), o que confirma a hipótese avançada. No que diz respeito às sub-hipóteses, em (a) encontrou-se uma relação direta, moderada e altamente significativa ($r_s = .34$, $p \leq .01$), o que confirma a hipótese de relação direta entre a dimensão Preocupação e a faceta Impulsividade; em (b) encontrou-se uma relação direta, fraca e não significativa ($r_s = .17$, $p > .05$), pelo que se rejeitou a hipótese de

relação entre a dimensão Preocupação e a faceta Irresponsabilidade; e em (c) encontrou-se uma relação direta, moderada e altamente significativa ($r_s = .35$, $p \leq .01$), o que confirmou a hipótese de relação direta entre a dimensão Preocupação e a faceta Distratibilidade.

Hipótese 3)

Nesta hipótese esperava-se que os resultados na dimensão Preocupação do ERP estivessem diretamente relacionados com os resultados no domínio Antagonismo do PID-5 – Adultos. A partir do Quadro 4, pode verificar-se que, embora se registre uma relação direta, como se trata de uma relação fraca e não significativa entre Preocupação e Antagonismo ($r_s = .16$, $p > .05$), considera-se que a hipótese não se confirmou.

Hipótese 4)

Nesta hipótese esperava-se que os resultados na dimensão Preocupação do ERP estivessem diretamente relacionados com os resultados no domínio Desprendimento do PID-5 – Adultos. Como é possível verificar a partir do Quadro 4, encontrou-se uma relação direta, fraca e significativa entre Preocupação e Desprendimento ($r_s = .24$, $p \leq .05$), o que confirma a hipótese avançada.

Hipótese 5)

Nesta hipótese esperava-se que os resultados na dimensão Evitação do ERP estivessem diretamente relacionados com os resultados no domínio Afetividade Negativa do PID-5 – Adultos. A partir do Quadro 4 pode verificar-se que se encontrou uma relação que, embora direta, não é significativa entre Evitação e Afetividade negativa ($r_s = .10$, $p > .05$), pelo que a hipótese não se confirmou. No que diz concerne às sub-hipóteses apresentadas, em (a) encontrou-se uma relação que, apesar de direta, não é significativa entre a dimensão Evitação e a faceta Ansiedade ($r_s = .13$, $p > .05$), pelo que a hipótese não se confirmou; e em (b) uma relação direta, moderada e altamente significativa ($r_s = .39$, $p \leq .01$), o que permite confirmar a hipótese de relação direta entre a dimensão Evitação e a faceta Depressividade.

Hipótese 6)

Nesta hipótese esperava-se que os resultados na dimensão Evitação do ERP estivessem diretamente relacionados com os resultados no domínio Desprendimento do PID-5 – Adultos. Como se verifica a partir do Quadro 4, encontrou-se uma relação direta, moderada e altamente significativa entre Evitação e Desprendimento ($r_s = .64$, $p \leq .01$), o que

permite confirmar a hipótese avançada. Quanto às sub-hipóteses apresentadas, em (a) encontrou-se uma relação direta, moderada e altamente significativa ($r_s=.50$, $p\leq.01$) entre a dimensão Evitação e a faceta Afastamento, pelo que a hipótese foi confirmada; em (b) encontrou-se uma relação direta, moderada – tendencialmente forte – e altamente significativa ($r_s=.65$, $p\leq.01$) entre a dimensão Evitação e a faceta Evitamento de intimidade, confirmando-se a hipótese proposta; em (c) encontrou-se uma relação direta, moderada e altamente significativa ($r_s=.48$, $p\leq.01$) entre a dimensão Evitação e a faceta Suspeição, pelo que a hipótese avançada foi confirmada; e em (d) encontrou-se uma relação direta, moderada e altamente significativa ($r_s=.46$, $p\leq.01$) entre a dimensão Evitação e a faceta Afetividade restrita, pelo que se pôde confirmar a hipótese.

Hipótese 7)

Nesta hipótese esperava-se que os resultados na dimensão Evitação do ERP estivessem diretamente relacionados com os resultados no domínio Antagonismo do PID-5 – Adultos. Como é possível verificar a partir do Quadro 4, encontrou-se uma relação direta, fraca e altamente significativa entre Evitação e Antagonismo ($r_s=.28$, $p\leq.01$), o que confirma a hipótese avançada. Em relação à sub-hipótese em estudo, encontrou-se em (a) uma relação direta, moderada e altamente significativa ($r_s=.39$, $p\leq.01$) entre a dimensão Evitação e a faceta Insensibilidade, pelo que os dados confirmaram esta hipótese.

Hipótese 8)

Nesta hipótese esperava-se que os resultados na dimensão Evitação do ERP estivessem diretamente relacionados com os resultados no domínio Desinibição do PID-5 – Adultos. No Quadro 4 é possível verificar que se encontrou uma relação direta, moderada e altamente significativa entre Evitação e Desinibição ($r_s=.35$, $p\leq.01$), pelo que se confirmou a hipótese avançada. Relativamente às sub-hipóteses apresentadas, em (a) encontrou-se uma relação direta, fraca e significativa ($r_s=.23$, $p\leq.05$) entre a dimensão Evitação e a faceta Impulsividade, confirmando-se a hipótese; em (b) encontrou-se uma relação direta, fraca e altamente significativa ($r_s=.26$, $p\leq.01$) entre a dimensão Evitação e a faceta Irresponsabilidade, sendo que a hipótese foi confirmada pelos dados; e em (c) encontrou-se uma relação direta, moderada e altamente significativa ($r_s=.36$, $p\leq.01$) entre a dimensão Evitação e a faceta Distratibilidade, pelo que esta hipótese também foi confirmada.

3. Análise de regressão

Procurou-se compreender em que medida é que as dimensões básicas dos estilos de vinculação em adultos, ou seja, a Preocupação e a Evitação (variáveis independentes) poderiam ou não ser preditoras dos domínios da personalidade Afeto negativo, Desprendimento, Antagonismo, Desinibição e Psicoticismo (variáveis dependentes).

Uma vez que, como referido anteriormente, apenas no domínio Afetividade negativa se pôde admitir a normalidade da distribuição dos seus resultados, mas os restantes domínios apresentaram distribuições muito divergentes da distribuição normal, os pressupostos de aplicação levaram à necessidade de utilizar um modelo de Regressão em que a variável dependente é categorial. Para tal, as variáveis dependentes quantitativas foram transformadas em variáveis qualitativas com base na média dos resultados obtidos com a amostra do presente estudo nos domínios do PID-5 – Adultos. Assim, foram criadas duas classes mutuamente exclusivas, nas quais se atribuiu o valor 0 a valores inferiores ou iguais à média e o valor 1 a valores superiores à média. Quando as variáveis dependentes são nominais dicotómicas, a técnica de análise de regressão a utilizar é a Regressão Logística Binária ou Binomial (Marôco, 2014).

Nesta análise de regressão foram considerados vários critérios para verificar (ou não) o valor preditivo das variáveis independentes face às variáveis dependentes, nomeadamente: (a) a significância e qualidade do modelo, através do teste de ajustamento do modelo e (b) o teste de significância dos coeficientes do modelo.

Hipótese 9)

Nesta hipótese pretendeu-se saber se as dimensões da vinculação Preocupação e Evitação prediziam o domínio de personalidade Afetividade negativa. Através da aplicação da Regressão Logística Binomial, pode dizer-se que o modelo em estudo é significativo ($X^2_{\text{obs}}(2)=20.68, p\leq.01$) e que explica 24% da variabilidade dos dados ($\text{Pseudo-}R^2=.24$). O modelo demonstrou também a capacidade de classificar adequadamente os sujeitos em cerca de 70%.

Quadro 5.

Sumário da análise de regressão logística binomial para Afetividade negativa

	B	S. E.	Wald	df	Valor-p	Exp(β)
Preocupação	1.14	.30	14.95	1	.00	3.14

Evitação	.28	.19	2.05	1	.15	1.32
<hr/>						
N=106						

Como é possível concluir a partir do Quadro 5, apenas a dimensão Preocupação prediz de forma altamente significativa o domínio Afetividade negativa. O valor de $\text{Exp}(\beta)=3.14$ indica ainda que os sujeitos com Preocupação elevada têm uma chance cerca de três vezes maior de terem valores elevados de Afetividade negativa relativamente aos que têm Preocupação baixa.

Hipótese 10)

Nesta hipótese pretendeu-se saber se as dimensões da vinculação Preocupação e Evitação prediziam o domínio de personalidade Desprendimento. A partir da aplicação da Regressão Logística Binomial, pode dizer-se que o modelo em estudo é significativo ($X^2_{\text{obs}}(2)=44.35, p \leq .01$) e que explica cerca de 46% da variabilidade dos dados (Pseudo- $R^2=.46$). O modelo demonstrou também a capacidade de classificar adequadamente os sujeitos em cerca de 73%.

Quadro 6.

Sumário da análise de regressão logística binomial para Desprendimento

	B	S. E.	Wald	df	Valor-p	$\text{Exp}(\beta)$
Preocupação	.37	.29	1.64	1	.20	1.45
Evitação	1.54	.31	24.51	1	.00	4.65
<hr/>						
N=106						

Como é possível concluir a partir do Quadro 6, apenas a dimensão Evitação prediz de forma altamente significativa o domínio Desprendimento. O valor de $\text{Exp}(\beta)=4.65$ indica ainda que os sujeitos com Evitação elevada têm uma chance cerca de cinco vezes maior de terem valores elevados de Desprendimento relativamente aos que têm Evitação baixa.

Hipótese 11)

Nesta hipótese pretendeu-se saber se as dimensões da vinculação Preocupação e Evitação prediziam o domínio de personalidade Antagonismo. Através da aplicação da Regressão Logística Binomial, pode dizer-se que o modelo em estudo é significativo

($X^2_{\text{obs}}(2)=9.91$, $p\leq.01$) e que explica cerca de 12% da variabilidade dos dados (Pseudo- $R^2=.12$). O modelo demonstrou também a capacidade de classificar adequadamente os sujeitos em cerca de 64%.

Quadro 7.

Sumário da análise de regressão logística binomial para Antagonismo

	B	S. E.	Wald	df	Valor-p	Exp(β)
Preocupação	.36	.24	2.28	1	.13	1.44
Evitação	.51	.19	7.15	1	.01	1.66

$N=106$

Como é possível concluir a partir do Quadro 7, apenas a dimensão Evitação prediz de forma altamente significativa o domínio Antagonismo. O valor de $\text{Exp}(\beta)=1.66$ indica ainda que os sujeitos com Evitação elevada têm uma chance perto de duas vezes maior de terem valores elevados de Antagonismo relativamente aos que têm Evitação baixa.

Hipótese 12)

Nesta hipótese pretendeu-se saber se as dimensões da vinculação Preocupação e Evitação prediziam o domínio de personalidade Desinibição. Através da aplicação da Regressão Logística Binomial, pode dizer-se que o modelo em estudo é significativo ($X^2_{\text{obs}}(2)=18.34$, $p\leq.01$) e que explica cerca de 21% da variabilidade dos dados (Pseudo- $R^2=.21$). O modelo demonstrou também a capacidade de classificar adequadamente os sujeitos em cerca de 66%.

Quadro 8.

Sumário da análise de regressão logística binomial para Desinibição

	B	S. E.	Wald	df	Valor-p	Exp(β)
Preocupação	.80	.27	8.73	1	.00	2.22
Evitação	.59	.20	8.40	1	.00	1.80

$N=106$

Como é possível concluir a partir do Quadro 8, tanto a dimensão Preocupação como a dimensão Evitação predizem de forma altamente significativa o domínio Desinibição. Os

valores de $\text{Exp}(\beta)=2.22$, para Preocupação, e $\text{Exp}(\beta)=1.80$, para Evitação, indicam ainda que os sujeitos com Preocupação e Evitação elevadas têm uma chance, aproximadamente, duas vezes maior de terem valores elevados de Desinibição relativamente aos que têm Preocupação e Evitação baixas.

Hipótese 13)

Nesta hipótese pretendeu-se saber se as dimensões da vinculação Preocupação e Evitação prediziam o domínio de personalidade Psicoticismo. A partir da aplicação da Regressão Logística Binomial, pode dizer-se que o modelo em estudo é significativo ($X^2_{\text{obs}}(2)=21.98$, $p \leq .01$) e que explica cerca de 25% da variabilidade dos dados (Pseudo- $R^2=.25$). O modelo demonstrou também a capacidade de classificar adequadamente os sujeitos em cerca de 72%.

Quadro 9.

Sumário da análise de regressão logística binomial para Psicoticismo

	B	S. E.	Wald	df	Valor-p	$\text{Exp}(\beta)$
Preocupação	.69	.27	6.47	1	.01	1.99
Evitação	.78	.21	13.38	1	.00	2.19

$N=106$

Como é possível concluir a partir do Quadro 9, a dimensão Preocupação prediz de forma significativa enquanto a dimensão Evitação prediz de forma altamente significativa o domínio Psicoticismo. Os valores de $\text{Exp}(\beta)=1.99$, para Preocupação, e $\text{Exp}(\beta)=2.19$, para Evitação, indicam ainda que os sujeitos com Preocupação e Evitação elevadas têm uma chance, aproximadamente, duas vezes maior de terem valores elevados de Psicoticismo relativamente aos que têm Preocupação e Evitação baixas.

Discussão e Conclusões

Com a presente investigação pretendeu-se (a) contribuir para o conhecimento mais aprofundado acerca da relação entre traços da personalidade e as dimensões básicas dos estilos de vinculação em adultos, (b) compreender melhor as potencialidades e limitações do PID-5 – Adultos na avaliação da personalidade, dado ser um instrumento recente na prática

clínica e na investigação, bem como (c) contribuir para a sua validação para a população portuguesa. Através da metodologia utilizada, os objetivos propostos foram cumpridos e foi possível aferir as hipóteses colocadas de acordo com a revisão de literatura. Nesta discussão, a compreensão dos dados obtidos será realizada à luz de uma abordagem psicodinâmica.

Os resultados obtidos neste estudo vão ao encontro dos resultados obtidos em estudos prévios realizados com as dimensões básicas dos estilos de vinculação em adultos e com os cinco fatores da personalidade (Nofhle & Shaver, 2006), tendo-se encontrado predominantemente semelhanças. Tal como observado por Nofhle e Shaver (2006), encontrou-se uma relação direta e altamente significativa entre a dimensão Preocupação da vinculação e o domínio Afetividade negativa da personalidade, bem como com todas as facetas deste domínio, à exceção da faceta Submissão. Esta relação é coerente conceitualmente, considerando que o domínio Afetividade negativa reflete uma experiência frequente e intensa de emoções negativas e manifestações comportamentais e interpessoais associadas à insegurança e à ansiedade (APA, 2014, p. 928), aspetos também presentes na base da Preocupação na vinculação. Com efeito, os indivíduos ansiosos (ou preocupados) relativamente à vinculação tendem a procurar a atenção e proteção das figuras significativas através da intensificação de emoções que chamam mais à atenção negativamente, como a inveja e a raiva, ou que enfatizam a sua vulnerabilidade e necessidade do outro, como a tristeza, o medo, a ansiedade e a vergonha (Mikulincer & Shaver, 2007). Esta relação encontrada também parece corroborar a ideia de que os indivíduos com uma vinculação ansiosa (ou preocupada) tendem a sentir-se inadequadamente amados e com controlo insuficiente de situações interpessoais, permanecendo vulneráveis e vigilantes (Thompson, 1999). Considerando que a internalização de um padrão relacional suficientemente bom, que se inicia com o vínculo mãe-bebé, permite ao indivíduo sentir-se seguro e capaz (Winnicott, 1975) e que estes sentimentos fomentam a capacidade de regulação das emoções (Sroufe, 1997), faz sentido que indivíduos preocupados com os seus vínculos experienciem maiores níveis de Afetividade negativa. Além disso, a maior relação entre Preocupação e a faceta Insegurança de Separação é compatível com a ansiedade do indivíduo face à perda, abandono ou rejeição do objeto, sentida por exemplo durante o processo de separação-individuação na infância (fase de Reaproximação; Mahler, 1982) e/ou na adolescência (fase de Ansiedade de Separação; Blos, 1975), que se expressam sob a forma de medo, ansiedade ou depressão na idade adulta (Levine, 1986).

Por outro lado, ao contrário dos resultados encontrados por Nofhle e Shaver (2006), que apresentaram uma relação direta e significativa entre a dimensão Evitação da vinculação

e Neuroticismo, não se encontrou uma relação significativa entre a dimensão Evitação e o domínio Afetividade negativa, com exceção das facetas Hostilidade e Perseveração. Esta diferença nos resultados pode dever-se às ligeiras diferenças nas facetas que constituem os dois domínios, apesar de ambos serem considerados conceitualmente análogos. A faceta Hostilidade reflete sentimentos de raiva ou irritabilidade frequentes, havendo a adoção de um comportamento agressivo, e a faceta Perseveração remete para a manutenção de padrões comportamentais, por vezes disfuncionais (APA, 2014, p. 928). Os indivíduos com uma vinculação evitante tendem a recorrer a mecanismos de defesa (e.g., isolamento) para inibir estados emocionais, como a ansiedade, o medo e a tristeza (Mikulincer & Shaver, 2007). Esses sentimentos implicam um envolvimento emocional numa relação, o qual pode enfraquecer o sentido de autossuficiência característico destas pessoas (Cassidy, 1994). Neste sentido, o facto de os indivíduos evitantes tenderem a apresentar um comportamento hostil repetido para com os outros de modo a afastá-los, ou inibirem/suprimirem a experiência emocional, pode explicar os resultados obtidos. Além disso, face ao exposto antes, torna-se compreensível a relação praticamente nula entre o domínio Evitação e a faceta Insegurança de separação.

De modo compatível com os resultados do estudo de Nettle e Shaver (2006), que revelam uma relação inversa e significativa entre a dimensão Preocupação da vinculação e o domínio Extroversão da personalidade, os resultados obtidos no presente estudo indicaram uma relação direta e significativa entre Preocupação e Desprendimento. Neste domínio, a relação foi mais robusta entre a dimensão Preocupação e a faceta Depressividade, como já tinha sido encontrado por Nettle e Shaver (2006), apesar de, nesse estudo, esta faceta ter sido analisada como pertencente ao domínio Neuroticismo. Este resultado está de acordo tanto com a teoria de Bowlby (1980), na qual se destaca a relação entre vinculação ansiosa e depressão, como com a conceitualização de Bartholomew (1990) da dimensão Ansiedade/Preocupação enquanto “modelo negativo do *self*”. Na teoria psicodinâmica, a perturbação depressiva e decorrente sintomatologia (e.g., Depressividade, Anedonia) está relacionada com o medo de perda, rejeição ou abandono por parte dos objetos significativos e, consequentemente, com uma baixa autoestima (Coimbra de Matos, 2002).

Também de acordo com os resultados obtidos por Nettle e Shaver (2006), que encontraram uma relação inversa e altamente significativa entre a dimensão Evitação da vinculação e o domínio Extroversão da personalidade, no presente estudo encontrou-se uma relação direta e altamente significativa entre Evitação e Desprendimento. Estes resultados vão

no sentido das evidências derivadas da vinculação entre a criança e os pais que mostram uma interação entre a indiferença e rejeição parental e a evitação da criança (Thompson, 1999). Considerando que o domínio Desprendimento e as suas respectivas facetas refletem o evitamento de experiências socioemocionais, incluindo o afastamento de interações interpessoais, com experiência e expressão afetiva restrita (APA, 2014, pp. 928-929), parece coerente a sua relação direta com a dimensão Evitação que reflete o evitamento da intimidade e da dependência. Este aspeto é reforçado pela relação entre Evitação e a faceta Evitamento da intimidade ter sido altamente significativa e a mais forte encontrada no presente estudo. Dado que o sentimento de segurança e confiança em si e nos outros é essencial ao longo da vida para estabelecer e manter relações interpessoais saudáveis (Bowlby, 1988), como referido anteriormente, a concetualização de Bartholomew (1990) da dimensão Evitação como “modelo negativo do outro”, anteriormente referida, permite explicar que indivíduos evitantes tendam ao Desprendimento, ao Afastamento e à Suspeição. Nestas condições, os indivíduos tendem a demonstrar uma *desconfiança básica* (Erikson, 1976), não parecem atingir a *dependência madura* (Fairbairn, 2000) e parecem ter *introjetado um mau objeto* (Klein, 1948), o que os leva a evitar o contato físico e emocional. Estes referenciais podem assim servir como uma possível explicação para as relações diretas e altamente significativas encontradas entre Evitação e Desprendimento, Afastamento e Suspeição. Para além disso, como já foi referido, dado que os indivíduos evitantes tendem a inibir ou suprimir a experiência e expressão emocional (Mikulincer & Shaver, 2007), faz sentido que se tenha encontrado uma relação direta e altamente significativa entre Evitação e Afetividade restrita. Do ponto de vista da teoria das relações de objeto na teoria psicanalítica, o ego só existe em relação com outros objetos, internos ou externos (Greenberg & Mitchell, 2003), pelo que é coerente ter-se encontrado uma relação direta e altamente significativa entre Evitação e as facetas Depressividade e Anedonia. Apesar dos indivíduos evitantes não admitirem a necessidade de afeto e ligação com os outros, podem experienciar solidão e problemas de saúde mental (Mikulincer & Shaver, 2007) como a sintomatologia depressiva.

O presente estudo encontrou também uma relação direta e altamente significativa entre a dimensão Evitação da vinculação e o domínio Antagonismo da personalidade, o que vai ao encontro dos resultados obtidos por Nofle e Shaver (2006), que descobriram uma relação inversa e altamente significativa entre Evitação e Amabilidade. O domínio Antagonismo reflete comportamentos que põem o indivíduo em desacordo com os outros, incluindo um elevado autoconceito, uma insensibilidade para com as necessidades e sentimentos dos outros e o uso dos outros para benefício próprio (APA, 2014, p. 929). Como

referido, o conceito de mentalização corresponde à capacidade de reconhecer e compreender os estados mentais próprios e do outro (e.g., necessidades, sentimentos), o qual está relacionado com o modelo de vinculação de cada indivíduo (Fonagy et al., 2002). Mais concretamente, segundo estes autores, uma vinculação segura na qual os pais ou cuidadores atendem aos estados mentais da criança facilita o desenvolvimento da capacidade de mentalização. As relações diretas e altamente significativas encontradas entre a dimensão Evitação e os traços Antagonismo, Falsidade e Insensibilidade podem ser explicadas tendo em conta que os indivíduos evitantes formaram um “modelo negativo dos outros” (Bartholomew, 1990) e tendem a apresentar dificuldades de mentalização devidas a falhas na capacidade reflexiva dos cuidadores (Fonagy, 2000). Já a relação direta e significativa entre Evitação e Grandiosidade parece estar de acordo com o sentimento de autossuficiência dos indivíduos evitantes (Mikulincer & Shaver, 2007).

Tal como referido anteriormente, Nofle e Shaver (2006) obtiveram resultados discordantes quando relacionaram a dimensão Preocupação da vinculação e o domínio Amabilidade da personalidade avaliado com o NEO-PI-R e com o BFI. Enquanto com o primeiro instrumento se encontrou uma relação inversa e altamente significativa, com o segundo a relação obtida, apesar de também ela inversa, não se revelou significativa. Assim, ao contrário do que seria de esperar segundo os resultados de Nofle e Shaver (2006) com o BFI, mas em concordância com os resultados obtidos com o NEO-PI-R, não se verificou uma relação direta nem significativa entre Preocupação e Antagonismo no presente estudo. Ainda assim, encontrou-se uma relação direta e significativa entre Preocupação e as facetas Falsidade, Procura de atenção e Insensibilidade que fazem parte desse domínio. Como mencionado, os indivíduos preocupados ou ansiosos relativamente à vinculação tendem a procurar a atenção das figuras significativas através da intensificação de emoções que requerem atenção, como a inveja e raiva (Mikulincer & Shaver, 2007). A emocionalidade negativa da criança ansiosa-ambivalente pode tornar-se exagerada e crónica dado que reconhece que descontrair e deixar-se ser apaziguada pela presença de uma figura de vinculação pode significar o risco de perda dessa figura inconsistentemente disponível (Cassidy, 1994, p. 241). Deste modo, segundo esta autora, a intensificação emocional é assim uma forma de capturar a atenção do cuidador, o que vai no sentido das relações diretas e significativas encontradas neste estudo. Estes resultados também estão de acordo com a ambivalência da criança durante a posição depressiva (Klein, 1996), na qual Suttie (1988) refere que a ansiedade de separação e o ódio em relação aos objetos surgem em resposta à frustração das pulsões de amor do indivíduo por parte dos objetos (e.g., figuras cuidadoras).

Os resultados do presente estudo revelaram também uma relação direta e altamente significativa entre as dimensões Preocupação e Evitação da vinculação e o domínio Desinibição da personalidade, o que é compatível com a relação inversa e altamente significativa entre Preocupação e Evitação e o traço Conscienciosidade encontrada por Nofhle e Shaver (2006). De acordo com estes autores, tais resultados sugerem que uma vinculação segura, correspondente a uma baixa Preocupação e Evitação, está diretamente relacionada com Conscienciosidade, o que vai no sentido dos resultados encontrados em estudos prévios mencionados na sua meta-análise (e.g., Carver, 1997; Neyer & Voigt, 2004; Shaver, Billings, Eveleth, & Gilbert, 1996; Shaver & Brennan, 1992 citados por Nofhle & Shaver, 2006). As investigações no âmbito da satisfação com as relações indicam que a Conscienciosidade está diretamente relacionada com o autocontrolo e a responsabilidade (Engel, Olson, & Patrick, 2002), sugerindo que indivíduos com estas características de personalidade podem apresentar uma vinculação mais segura (Nofhle & Shaver, 2006). Neste sentido, por contraste, parece coerente a relação direta e altamente significativa encontrada entre a dimensão Preocupação e as facetas Impulsividade e Distratibilidade, bem como entre a dimensão Evitação e as facetas Irresponsabilidade e Distratibilidade.

Sabe-se também que a vinculação romântica influencia o comportamento sexual nas relações adultas (Davis, Shaver, & Vernon, 2004). Há evidências de que indivíduos evitantes revelam ter relações sexuais como uma tentativa de impressionar os seus pares, enquanto os indivíduos ansiosos/preocupados utilizam as relações sexuais para diminuir o seu sentimento de insegurança nas relações e aumentar a sua autoestima (Davis, Shaver, & Vernon, 2004; Schachner & Shaver, 2004). As relações diretas e significativas entre a dimensão Evitação e as facetas Envolvimento em comportamentos de risco e Impulsividade encontradas no presente estudo podem estar relacionadas com estes dados. Tais resultados, bem como a relação direta e altamente significativa entre Preocupação e os traços Desinibição e Impulsividade, parecem também estar de acordo com a teoria psicanalítica, sob a qual se postulou que os indivíduos se comportam de acordo com o princípio do prazer de modo a procurar sentir prazer e evitar qualquer situação que cause desprazer ou dor (Freud, 1958). Segundo este autor, por oposição, o princípio da realidade exige que o ser humano desenvolva a capacidade de tolerar a frustração que decorre da impossibilidade de ter a gratificação imediata dos seus desejos.

As relações diretas e altamente significativas entre a dimensão Preocupação da vinculação e o domínio Psicoticismo da personalidade, bem como com as facetas Excentricidade e Desregulação cognitiva e percetual, parecem ir ao encontro de algumas

formulações psicodinâmicas, nomeadamente dentro da Psicologia do Ego e das Relações de Objeto. O domínio Psicoticismo reflete a manifestação de comportamentos ou pensamentos estranhos, excêntricos e incomuns e culturalmente incongruentes (APA, 2014, p. 930).

Segundo Anna Freud (1993), tanto a ansiedade como o sentimento de perigo ou ameaça para a integridade do ego ativam mecanismos de defesa nos indivíduos, os quais podem ter uma natureza psicótica. De acordo com McWilliams (2005), este tipo de mecanismos surge frequentemente em indivíduos psicóticos que podem apresentar uma necessidade de simbiose com o outro (cf. Mahler, 1982) devido à grande insegurança em relação a si (cf.

Bartholomew, 1990). Neste sentido, parece coerente que os indivíduos ansiosos/preocupados, que revelam um medo de perda, rejeição ou abandono por parte do objeto, apresentem fragilidades egóicas e manifestações do domínio Psicoticismo.

Por outro lado, neste estudo também se encontrou uma relação direta e altamente significativa entre a dimensão Evitação e o domínio Psicoticismo da personalidade, incluindo com as facetas Crenças e experiências incomuns, Excentricidade e Desregulação cognitiva e perceptual. Partindo novamente das conceções de Anna Freud (1993), quando o indivíduo sente que o objeto representa perigo ou ameaça para a integridade do ego, o que está de acordo com o “modelo negativo dos outros” (Bartholomew, 1990) na teoria da vinculação, são ativados mecanismos de defesa que podem ter uma natureza psicótica. Assim, parece fazer sentido que os indivíduos evitantes, que tendem a evitar a necessidade e dependência dos outros, revelem manifestações de perda de contato com a realidade, que é um dos aspetos do domínio Psicoticismo.

Os resultados da análise de regressão deste estudo vão também ao encontro das evidências em estudos anteriores (e.g., Nofle & Shaver, 2006) que mostraram que há uma sobreposição ou relação entre as dimensões básicas dos estilos de vinculação em adultos e os cinco fatores da personalidade, embora as dimensões do ERP expliquem apenas menos de metade da variabilidade dos domínios da personalidade do PID-5 – Adultos.

Posto isto, com este estudo é possível concluir, quer ao nível da análise correlacional como da análise de regressão, que as dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos apresentam várias relações significativas com os traços da personalidade do modelo alternativo do DSM-5 para as perturbações da personalidade. Além disso, este estudo permitiu contribuir para considerar de modo mais sólido o PID-5 – Adultos como um valioso instrumento para a avaliação da personalidade, a partir do qual foi possível chegar a conclusões encontradas em estudos prévios, bem como aprofundar o conhecimento da complexa relação entre personalidade e vinculação na idade adulta.

Limitações e direções futuras

Este estudo apresentou também algumas limitações, cujo reconhecimento poderá permitir ultrapassar as mesmas em estudos futuros. Em primeiro lugar, os instrumentos utilizados para a medição das variáveis em estudo constituem apenas medidas de autorrelato. Como tal, não se teve acesso ao modo como os participantes são vistos por outros significativos, ao nível da personalidade, nem a como é que os participantes são percebidos nas suas relações amorosas, exceto através dos seus relatos, no que diz respeito à vinculação. Em investigações futuras, seria interessante utilizar medidas de heterorrelato para avaliar tanto os traços da personalidade como as dimensões dos estilos de vinculação em adultos, por exemplo, pedindo também aos respetivos companheiros para responderem aos questionários em relação aos seus parceiros românticos.

Em segundo lugar, ainda que diversos investigadores defendam que não é necessário controlar os vieses nas respostas em estudos nos quais os participantes tendem a ser honestos (Paulhus, 2002), uma outra limitação teve a ver com a ausência de controlo nas respostas socialmente desejáveis. Futuramente seria útil aplicar também um instrumento que permita avaliar e controlar esta variável estranha.

Em estudos futuros também seria interessante analisar, com amostras de maior dimensão, em que medida é que variáveis sociodemográficas, como o género e a idade, medeiam a relação estudada na presente investigação. Compreender esse efeito de mediação contribuiria para aprofundar o conhecimento acerca desta complexa relação, sobretudo no que diz respeito às diferenças individuais.

Implicações clínicas e para a investigação

À luz da teoria da vinculação, muitas alterações do funcionamento da personalidade podem ser atribuídas a perturbações no desenvolvimento do sistema de vinculação (Soares, 1996). A análise de regressão do presente estudo permitiu corroborar justamente esta ideia, sendo que se encontrou que ambas as dimensões básicas dos estilos de vinculação em adultos (Preocupação e Evitação), explicam entre 12% e 46% da variabilidade dos dados relativos aos domínios desadaptativos da personalidade, na amostra recolhida. Deste modo, são várias as implicações para a intervenção psicoterapêutica que podem ser consideradas.

Em termos clínicos, o terapeuta pode servir-se da teoria da vinculação para fornecer as condições para o paciente poder explorar os modelos representacionais de si e dos outros, com o objetivo de avaliar e reestruturar os mesmos através da experiência de uma nova relação – a relação terapêutica (Bowlby, 1988b, p. 138). Neste processo, o autor destaca

cinco tarefas para o terapeuta: (a) proporcionar uma base segura ao paciente a partir da qual pode explorar os aspetos mais adversos e dolorosos da sua vida passada e presente; (b) apoiar o paciente nesta demanda, encorajando-o a refletir sobre as diversas dimensões das suas relações com figuras significativas ao longo da vida, incluindo a relação terapêutica; (c) estimular o paciente a considerar em que medida é que as suas perceções, expectativas, sentimentos e comportamentos podem ser um resultado de situações com que se confrontou na infância e na adolescência; (d) ajudar o paciente a reconhecer e a compreender a origem e a natureza dos seus modelos internos dinâmicos; e (e) estabelecer uma comunicação emocional profunda com o paciente que permita a mudança adaptativa. Esta última tarefa assume uma elevada importância pois, dado que a comunicação emocional constituiu as origens da construção dos modelos internos dinâmicos na infância, é através dela que é possível elaborar conteúdos pessoais conscientes e inconscientes e construir novas formas de sentir, pensar e agir (Bowlby, 1988b, p. 140).

A avaliação e monitorização periódicas da utilização da teoria da vinculação em pacientes com traços maladaptativos da personalidade seria um passo importante, quer para a compreensão das implicações clínicas deste modelo no sucesso terapêutico dos pacientes (e.g., pacientes com perturbações da personalidade), como também para o conhecimento teórico deste modelo nestes contextos.

Referências bibliográficas

- Ainsworth, M. D. S. (1985). Patterns of infant-mother attachments: Antecedents and effects on development. *Bulletin of the New York Academy of Medicine*, 61(9), 771-791.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Ainsworth, M. D. S., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46(4), 333-341. doi: 10.1037/0003-066X.46.4.333
- American Psychiatric Association. (2014). *DSM-5: Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais* (5ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores.

- Asendorpf, J. B. (2004). *Psychologie der Persönlichkeit*. Berlin: Springer.
- Bach, B. (2015). The alternative DSM-5 model for personality disorders: Validity and clinical utility of the pathological personality traits criterion [Doctoral dissertation]. Faculty of Health and Medical Sciences, University of Copenhagen.
- Bartholomew, K. (1990). Avoidance of intimacy: An attachment perspective. *Journal of Social and Personal Relationships*, 7(2), 147-178. doi: 10.1177/0265407590072001
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(2), 226-244. doi: 10.1037//0022-3514.61.2.226
- Blatt, S. J., & Levy, K. N. (2003). Attachment theory, psychoanalysis, personality development and psychopathology. *Psychoanalytic Inquiry*, 23, 102-150.
- Blos, P. (1975). The second individuation process of adolescence. In A. H. Esman (Ed.), *The psychology of adolescence: Essential readings* (pp. 156-176). New York: International Universities Press. (Obra original publicada em 1967).
- Bowlby, J. (1944). Forty-four juvenile thieves: Their characters and home life. *International Journal of Psycho-analysis*, 25, 19-52.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment* (2nd ed.). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation, anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1977). The making and breaking of affectional bonds. I. Aetiology and psychopathology in the light of attachment theory. An expanded version of the Fiftieth Maudsley Lecture, delivered before the Royal College of Psychiatrists, 19 November 1976. *The British Journal of Psychiatry*, 130, 201-210.

- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Routledge.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Vol. 3. Loss, sadness and depression*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *A secure base: Clinical applications of attachment theory*. New York: Basic Books.
- Brennan, K. A., Clark, C. L., & Shaver, P. R. (1998). Self-report measurement of adult attachment: An integrative overview. In J. A. Simpson & W. S. Rholes (Eds.), *Attachment theory and close relationships* (pp. 46-76). New York: Guilford Press.
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (2008). Internal working models in attachment relationships: Elaborating a central construct in attachment theory. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 102-127). New York: The Guilford Press.
- Canavarro, M. C. S. (1999). *Relações afetivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto.
- Caprara, M., Steca, P., & Caprara, G. V. (2007). Personality and self-beliefs. In R. Fernández-Ballesteros (Ed.), *Geropsychology european perspectives for an aging world* (pp. 103-127). Washington: Hogrefe & Huber Publishers.
- Carson, R. C. (1991). Discussion: Dilemmas in the pathway of DSM-IV. *Journal of Abnormal Psychology*, 100, 302-307. doi: 10.1037/0021-843X.100.3.302
- Carver, C. S., & Scheier, M. F. (1996). *Perspectives on personality* (3rd ed.). Boston: Allyn and Bacon.
- Cassidy, J. (1994). Emotion regulation: Influences of attachment relationships. *Monographs of the Society for Research in Child Development*, 59, 228-283.
- Coimbra de Matos, A. (2001). *A depressão: Episódios de um percurso em busca do seu sentido* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores.

- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992a). Normal personality assessment in clinical practice: The NEO Personality Inventory. *Psychological Assessment*, 4(1), 5-13. doi: 10.1037/10403590.4.1.5
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992b). The five-factor model of personality and its relevance to personality disorders. *Journal of Personality Disorders*, 6(4), 343-359.
- Costa, P. T., Jr., & McCrae, R. R. (1993). Bullish on personality psychology. *The Psychologist*, 6, 302-303.
- Costa, P. T., Jr., & McCrae, R. R. (1994). Set like plaster? Evidence for the stability of adult personality. In T. F. Heatherton & J. L. Weinberger (Eds.), *Can Personality Change?* (pp. 21-40). Washington, DC: American Psychological Association
- Costa, P. T., Jr., Yang, J., & McCrae, R. R. (1998). Aging and personality traits: Generalizations and clinical implications. In I. Nordhus, G. R. VandenBos, S. Berg, P. Fromholt, I. Nordhus, G. R. VandenBos, & P. Fromholt (Eds.), *Clinical geropsychology* (pp. 33-48). Washington, DC: American Psychological Association.
- Davis, D., Shaver, P. R., & Vernon, M. L. (2004). Attachment style and subjective motivations for sex. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30(8), 1076-1090. doi: 10.1177/0146167204264794
- Davis, R. D. (1999). Millon: Essentials of his science, theory, classification, assessment, and therapy. *Journal of Personality Assessment*, 72(3), 330-352.
- Duquesnoy, I., & Guedeney, N. (2004). Psicopatologia do Adulto e Vinculação. In N. Guedeney, & A. Guedeney, *Vinculação: Conceitos e Aplicações* (1ª ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Erikson, E. H. (1976). *Infância e sociedade* (2ª ed.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Fairbairn, R. (2000). *Estudos psicanalíticos da personalidade*. Lisboa: Vega.

- Faria, C., Fonseca, M., Lima, V. S., Soares, I., & Klein, J. (2007). Vinculação na idade adulta. In I. Soares (Coord.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 121-158). Braga: Psiquilíbrios.
- Feist, J. & Feist, G. J. (2008). *Theories of Personality* (7th ed.). New York: McGraw-Hill.
- Fonagy, P. (1999). Psychoanalysis and attachment theory. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 595-624). New York: Guilford Press.
- Fonagy, P., Gergely, G., Jurist, E. J., & Target, M. (2002). *Affect regulation, mentalization and the development of the self*. New York: Other Press.
- Fonagy, P., Steele, M., Steele, H., Leigh, T., Kennedy, R., Matton, G., & Target, M. (1995). Attachment, the reflective self, and borderline states: The predictive specificity of the Adult Attachment Interview and pathological emotional development. In S. Goldberg, R. Muir, & J. Kerr (Eds.), *Attachment theory: Social, developmental, and clinical perspectives* (pp. 233-278). Hillsdale, New Jersey: Analytic Press.
- Fonagy, P. (2000). Attachment and borderline personality disorder. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 48(4), 1129-1146
- Fossati, A., Krueger, R. F., Markon, K. E., Borroni, S., Maffei, C., Somma, A. (2015). The DSM-5 alternative model of personality disorders from the perspective of adult attachment: A study in community-dwelling adults. *Journal of Nervous & Mental Disease*, 202(4), 252-258. doi: 10.1097/NMD.0000000000000274
- Fraley, R. C. (2002). Attachment stability from infancy to adulthood: Meta-analysis and dynamic modeling of developmental mechanisms. *Personality and Social Psychology Review*, 6(2), 123-151. doi: 10.1207/S15327957PSPR0602_03
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, 4(2), 132-154. doi: 10.1037//1089-2680.4.2.132.

- Freud, A. (1993). *The ego and the mechanisms of defence*. London: Karnac Books.
- Freud, S. (1958). Formulations on the two principles of mental functioning. In *The Standard Edition of the Complete Psychological Works of Sigmund Freud, Volume XII (1911-1913): The Case of Schreber, Papers on Technique and Other Works* (pp. 213-226). London: The Hogarth Press and The Institute of Psycho-analysis.
- George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1996). Adult Attachment Interview. Unpublished manuscript, Department of Psychology, University of California, Berkeley (3rd ed.).
- George, C., & Solomon, J. (2008). The caregiving system: A behavioral systems approach to parenting. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 833-856). New York: The Guilford Press.
- Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (2003). *Relações de objecto na teoria psicanalítica* (1^a ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- Guedeney, A. (2004). A teoria da vinculação: A história e as personagens. In N. Guedeney & A. Guedeney (Coords.), *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 25-31). Lisboa: Climepsi.
- Gunderson, J. G., & Lyons-Ruth, K. (2008). BPD's interpersonal hyper-sensitivity phenotype: A gene-environment-developmental model. *Journal of Personality Disorders*, 22, 22-41.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511-524.
- Klein, M. (1948). *Contributions to psycho-analysis 1921-1945*. London: Hogarth.
- Klein, M. (1996). Uma contribuição à psicogénese dos estados maníaco-depressivos. In M. Klein (Ed.), *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)* (pp. 301-329). Rio de Janeiro: Imago Editora.

- Krueger, R. F., Derringer, J., Markon, K. E., Watson, D., & Skodol, A. E. (2012). Initial construction of a maladaptive personality trait model and inventory for DSM-5. *Psychological Medicine*, 42(9), 1879-1890. doi: 10.1017/S0033291711002674
- Krueger, R. F., Hopwood, C. J., Wright, A. G. C., & Markon, K. E. (2014). DSM-5 and the path toward empirically based and clinically useful conceptualization of personality and psychopathology. *Wiley Periodicals, Inc.*, 21, 245-261. doi: 10.1111/cpsp.12073
- Krueger, R. F., & Markon, K. E. (2014). The role of the DSM-5 personality trait model in moving toward a quantitative and empirically based approach to classifying personality and psychopathology. *Annual Review of Clinical Psychology*, 10, 477-501. doi: 10.1146/annurev-clinpsy-032813-153732
- Levine, J. B., Green, C. J., & Millon, T. (1986). The Separation-Individuation Test of Adolescence. *Journal of Personality Assessment*, 50, 123-137.
- Levy, K. N. (2005). The implications of attachment theory and research for understanding borderline personality disorder. *Development and Psychopathology*, 17, 959-986.
- Levy, K. N., Johnson, B. N., Clouthier, T. L., Scala, J. W., & Temes, C. M. (2015). An attachment theoretical framework for personality. *Canadian Psychology*, 56(2), 197-207. doi: 10.1037/cap0000025
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Main, M., & Solomon, J. (1986). Discovery of an insecure-disoriented attachment pattern. In T. B. Brazelton & M. W. Yogman (Eds.), *Affective development in infancy* (pp. 95-124). New Jersey: Ablex.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research*. Monographs of the Society for Research in Child Development, 50 (1-2, Serial No. 209), 66-104.

- Marôco, J. (2014). *Análise estatística com o SPSS statistics* (6^a ed.). Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- McAdams, D. P., & Olson, B. D. (2010). Personality development: Continuity and change over the life course. *Annual Review of Psychology*, 61: 5.1-5.26. doi:10.1146/annurev.psych.093008.100507.
- McAdams, D. P. (2008). Personal narratives and the life story. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (3rd ed., pp. 242-262). New York: The Guilford Press.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1994). The stability of personality: Observation and evaluations. *Current Directions in Psychological Science*, 3(6), 173-175.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (1996). Toward a new generation of personality theories: theoretical contexts for the five-factor model. In J. S. Wiggins (Ed.), *The five-factor model of personality – Theoretical perspectives* (pp. 51-87). New York: The Guilford Press.
- McCrae, R. R., & Costa, P. T. (2008). The five-factor theory of personality. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of Personality: Theory and Research* (3rd ed., pp. 159–181). New York: The Guilford Press.
- McCrae, R. R., & John, O. P. (1992). An introduction to the five-factor model and its applications. *Journal of Personality*, 60(2), 175-215. doi: 10.1111/j.1467-6494.1992.tb00970.x
- McCrae, R. R., Terracciano, & 78 Members of the Personality Profiles of Cultures Project (2005). Universal features of personality traits from the observer's perspective: Data from 50 cultures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88(3), 547–561. doi: 10.1037/0022-3514.88.3.547
- McWilliams, N. (2005). *Diagnóstico psicanalítico. Compreender a estrutura da personalidade no processo clínico* (1^a ed.). Lisboa: Climepsi Editores.

- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and change*. New York: The Guilford Press.
- Millon, T., & Davis, R. D. (1996). Personality disorders: Issues, principles, and classification. In T. Millon & R. D. Davis (Eds.), *Disorders of personality: DSM-IV and beyond* (2nd ed.). New York: John Wiley & Sons Inc.
- Moreira, J. M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J., Oliveira, A. P., Filipe, L. A., & Faustino, M. (2006). “Experiências em relações próximas”, um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4(1), 3-27.
- Morey, L. C., Hopwood, C. J., Markowitz, J. C., Gunderson, J. G., Grilo, C. M., McGlashan, T. H., ... Skodol, A. E. (2012). Comparison of alternative models for personality disorders, II: 6-, 8- and 10-year follow-up. *Psychological Medicine*, 42, 1705–1713. doi:10.1017/S0033291711002601
- Newman, B., & Newman, P. (2003). *Development through life. A psychosocial approach*. New York: Thomson Wadsworth.
- Noftle, E. E., & Shaver, P. R. (2006). Attachment dimensions and the big five personality traits: Associations and comparative ability to predict relationship quality. *Journal of Research in Personality*, 40, 179-208. doi: 10.1016/j.jrp.2004.11.003
- Paulhus, D. L. (2002). Socially desirable responding: The evolution of a construct. In H. I. Braun, D. N. Jackson, & D. E. Wiley (Eds.), *The role of constructs in psychological and educational measurement* (pp. 49-69). New Jersey: Erlbaum.
- Perdereau, F., & Atger, F. (2004). Avaliação da vinculação no adolescente e adulto. In N. Guedeney & A. Guedeney (Coords.), *Vinculação. Conceitos e aplicações* (1^a ed., pp. 111-121). Lisboa: Climepsi Editores.

- Pietromonaco, P. R., & Feldman Barrett, L. (2000). The internal working models concept: What do we really know about the self in relation to others? *Review of General Psychology*, 4(2), 155-175. doi: 10.1037//1089-2680.4.2.155
- Pires, R., Silva, D. R., Fagulha, T., & Gonçalves, B. (2014). *Versão experimental portuguesa do Inventário da Personalidade para o DSM-5, PID-5 – Adultos (Versão completa). Tradução e adaptação para a população portuguesa autorizada pela Climepsi Editores detentora dos direitos para a língua portuguesa, Portugal e Palop do DSM-5 da American Psychiatric Association*. Centro de Investigação em Ciência Psicológica, Universidade de Lisboa, Portugal.
- Pires, R., Silva, D. R., & Ferreira, A. S. (2015, Novembro). Estilos de personalidade e sugestionabilidade: Desenvolvimentos. In J. Calado (Coordenadora), *Linhas Multidisciplinares de Investigação Académica Doutoral em Psicologia Clínica Dinâmica*. Simpósio realizado no VIII Congresso Internacional e XIII Nacional de Psicologia Clínica, Granada.
- Ribeiro, L. A. (2010). Limitações na avaliação de perturbação de personalidade: Aspetos conceptuais e metodológicos. *Análise Psicológica*, 4(XXVIII), 651-663. doi: 10.14417/ap.385
- Rutter, M. (2006). Attachment from infancy to adulthood. The major longitudinal studies. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 47, 974-977. doi: 10.1111/j.1469-7610.2006.01644.x
- Scarvalone, P., Fox, M., & Safran, J. D. (2005). Interpersonal schemas: Clinical theory, research, and implications. In M. W. Baldwin (Ed.), *Interpersonal cognition* (pp. 359-387). New York: The Guilford Press.
- Schachner, D. A., & Shaver, P. R. (2004). Attachment dimensions and sexual motives. *Personal Relationships*, 11, 179-195.
- Scollon, C., & Diener, E. (2006). Love, work, and changes in extraversion and neuroticism over time. *Journal of Personality and Social Psychology*, 91(6), 1152-1165.

- Scott, L. N., Levy, K. N., & Pincus, A. L. (2009). Adult attachment, personality traits, and borderline personality disorder features in young adults. *Journal of Personality Disorders*, 23(3), 258-280.
- Skodol, A. E., Clark, L. A., Bender, D. S., Krueger, R. F., Morey, L.C., Verheul, R., Alarcon, R. D., Bell, C. C., Siever, L. J., & Oldham, J. M. (2011). Proposed changes in personality and personality disorder assessment and diagnosis for *DSM-5* Part I: Description and rationale. *Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment*, 2(1), 4-22. doi: 10.1037/a0021891
- Soares, I. M. C. (1996). *Representação da vinculação na idade adulta e na adolescência. Estudo intergeracional: Mãe-filho(a)*. Braga: Serviço de Publicações do Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Sroufe, L. A. (1997). *Emotional development: The organization of emotional life in the early years*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sroufe, L. A., & Waters, E. (1977). Attachment as an organizational construct. *Child Development*, 48, 1184-1199. doi: 10.1111/j.1467-8624.1977.tb03922.x
- Stern, D. N. (1985). *The interpersonal world of the infant*. New York: Basic Books.
- Suttie, I. D. (1988). *The origins of love and hate*. London: Free Association Books.
- Thompson, R. A. (1999). Early attachment and later development. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (pp. 265-286). New York: Guilford.
- Tyrer, P., Reed, G. M., & Crawford, M. J. (2015). Classification, assessment, prevalence, and effect of personality disorder. *The Lancet*, 385, 717–726. doi:10.1016/S0140-6736(14)61995-4

- Weinfield, N. S., Sroufe, L. A., Egeland, B., & Carlson, E. (2008). Individual differences in infant-caregiver attachment: Conceptual and empirical aspects of security. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 78-101). New York: Guilford Press.
- Widiger, T. A. (1993). The DSM-III-R categorical personality disorder diagnosis: A critique and an alternative. *Psychological Inquiry*, 4(2), 75-90.
doi:10.1207/s15327965pli0402_1
- Widiger, T. A. (2007). Dimensional models of personality disorder. *World Psychiatry*, 6(2), 79-83.
- Widiger, T. A., Livesley, W. J., & Clark, L. A. (2009). An integrative dimensional classification of personality disorder. *Psychological Assessment*, 21(3), 243–55.
- Widiger, T. A., & Simonsen, E. (2005). Alternative dimensional models of personality disorder: Finding a common ground. *Journal of Personality Disorders*, 19(2), 110-130.
- Widiger, T. A., & Trull, T. J. (2007). Plate tectonics in the classification of personality disorder: Shifting to a dimensional model. *The American Psychologist*, 62(2), 71-83.
doi: 10.1037/0003-066X.62.2.71
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora.

Anexos

Anexo I

Definições dos domínios e facetas de personalidade do DSM-5 (adaptado de APA, 2014)

Domínios (vs. Polos opostos) e Facetas	Definições
Afetividade negativa (vs. estabilidade emocional)	Experiência frequente e intensa de um largo espectro de emoções negativas (e.g., ansiedade, depressão, raiva) e manifestações comportamentais e interpessoais associadas.
Labilidade emocional	Instabilidade de experiências emocionais e do humor; emoções facilmente despertáveis, intensas e/ou desproporcionais relativamente às situações.
Ansiedade	Sentimentos de nervosismo, tensão ou pânico em relação a várias situações; preocupação frequente sobre os efeitos negativos de experiências passadas desagradáveis e eventos negativos futuros; sentir-se com medo e apreensivo perante a incerteza, por vezes, esperando que aconteça o pior.
Insegurança de separação	Medo de ficar só devido a separação e/ou rejeição por outras pessoas significativas baseado na falta de confiança na sua capacidade de cuidar de si próprio, física e emocionalmente.
Submissão	Adaptação do comportamento aos interesses e desejos efetivos ou percebidos de outro, mesmo quando isso é contrário aos próprios interesses, necessidades ou desejos.
Hostilidade	Sentimentos de raiva ou irritabilidade frequentes, por vezes em resposta a pequenos desrespeitos ou insultos, havendo a adoção de um comportamento maldoso, desagradável ou vingativo.
Perseveração	Persistência em tarefas ou formas particulares de fazer as coisas, mesmo após o comportamento ter deixado de ser funcional e eficaz; manutenção do mesmo comportamento, apesar de falhanços repetidos ou de haver razões suficientes para parar.
Desprendimento (vs. extroversão)	Evitamento de experiências socioemocionais, incluindo o afastamento de interações interpessoais (de relações superficiais a relações íntimas e de amizade), com experiência e expressão afetiva restrita, sendo limitada sobretudo a capacidade hedónica.
Afastamento	Preferência por estar sozinho em vez de estar com os outros;

	reticência em situações ou atividades sociais, com ausência de iniciação de contacto ou evitamento deste.
Evitamento da intimidade	Evitamento de relações interpessoais próximas ou românticas e de relações sexuais íntimas.
Anedonia	Falta de satisfação, envolvimento ou energia relativamente a experiências da vida, ou seja, deficiência na capacidade de sentir prazer e de ter interesse nas coisas.
Depressividade	Sentimentos de estar em baixo, de se sentir miserável e/ou desesperançado, havendo dificuldade em recuperar desses humores; pessimismo sobre o futuro; vergonha invasiva e/ou culpa; sentimentos de menos-valia do próprio, podendo haver pensamentos de suicídio e ideação suicida.
Suspeição	Expectativa de – e sensibilidade a – sinais de má-intenção ou maldade interpessoal, podendo haver sentimentos de ser maltratado, usado e /ou perseguido pelos outros; dúvidas sobre a lealdade e fidelidade dos outros.
Afetividade restrita	Experiência e expressão emocional constrangidas face a situações que despertam emoções, podendo haver indiferença ou desinteresse nas mesmas.
Antagonismo (vs. agradabilidade)	Comportamentos que põem o indivíduo em desacordo com os outros, incluindo um sentido exagerado de autoimportância e uma expectativa concomitante de tratamento especial, além de uma antipatia insensível para com os outros que abrange tanto uma falta de consciência das necessidades e dos sentimentos dos outros como uma prontidão em os usar ao seu serviço.
Manipulação	Uso de subterfúgios, incluindo o charme, a sedução, a loquacidade ou a bajulação, para influenciar ou controlar os outros, com fim a atingir os próprios objetivos.
Falsidade	Representação errónea do próprio, através da desonestidade e do engano e/ou do embelezamento e fabricação ao relatar eventos.
Grandiosidade	Acreditar que se é superior a outros e que se merece um tratamento especial (sentimentos de superioridade), associado a um egocentrismo e a uma condescendência face aos outros.

Procura de atenção	Envolvimento em comportamentos com o objetivo de atrair a atenção dos outros, de modo a ser o foco e a obter admiração.
Insensibilidade	Ausência de preocupação com os sentimentos e problemas dos outros e/ou ausência de culpa ou remorso sobre os efeitos negativos ou prejudiciais das suas ações nos outros.
Desinibição (vs. Conscienciosidade)	Orientação para a gratificação imediata, havendo um comportamento impulsivo conduzido por pensamentos, sentimentos e estímulos externos atuais, sem ter em consideração as consequências futuras.
Irresponsabilidade	Desconsideração e incapacidade de honrar compromissos ou obrigações; falta de respeito e ausência de seguimento de acordos e promessas; falta de cuidado com a propriedade dos outros.
Impulsividade	Agir de acordo com o impulso do momento em resposta a estímulos imediatos, com dificuldade em criar e seguir um plano prévio ou consideração dos resultados, havendo um sentido de urgência e comportamento autoagressivo sob mal-estar emocional.
Distratibilidade	Dificuldade em concentrar-se e focar-se em tarefas, sendo a atenção facilmente desviada por estímulos externos, bem como em manter comportamentos focados em objetivos, incluindo o planeamento e a realização de tarefas.
Envolvimento em comportamentos de risco	Envolvimento em atividades perigosas, arriscadas e potencialmente autolesivas, sem necessidade e sem consideração pelas consequências; ausência de preocupação com as próprias limitações e negação do real perigo; perseguição imprudente de objetivos independentemente do nível de risco envolvido.
Perfeccionismo rígido	Insistência rígida em que tudo decorra sem falhas, perfeito e sem erros, incluindo o desempenho próprio e dos outros, podendo haver o sacrifício da pontualidade para garantir a perfeição em cada detalhe; crença de que há apenas uma forma correta de fazer as coisas, com dificuldade em mudar de ideias e/ou ponto de vista; preocupação exagerada com detalhes, organização e ordem.
Psicoticismo (vs. Lucidez)	Exibição de um amplo espectro de comportamentos ou de cognições estranhas, excêntricas e incomuns, culturalmente

	incongruentes, incluindo processos (por exemplo, percepção, dissociação) e conteúdos (por exemplo, crenças).
Crenças e experiências incomuns	Crença de que se tem capacidades incomuns, como leitura da mente, telecinesia, fusão pensamento-ação, experiências de realidade incomuns (alucinações).
Excentricidade	Cognições, comportamentos, aparência e/ou discurso estranhos, incomuns, bizarros e/ou inapropriados.
Desregulação cognitiva e perceptual	Processo do pensamento e experiências estranhas ou incomuns, incluindo despersonalização, desrealização e experiências dissociativas, mistas sono-vigília e de controlo do pensamento.

Anexo II

Traços caracterizadores das perturbações de personalidade do modelo alternativo do DSM-5 (com base em APA, 2014)

Perturbação da Personalidade	Domínios e facetas
Antissocial	Seis ou mais dos seguintes 7 traços: (1) Manipulação, (2) Insensibilidade, (3) Falsidade, (4) Hostilidade, (5) Envolvimento em comportamentos de risco, (6) Impulsividade e (7) Irresponsabilidade.
Evitante	Três ou mais dos seguintes 4 traços, incluindo obrigatoriamente (1): (1) Ansiedade, (2) Afastamento, (3) Anedonia e (4) Evitamento de intimidade.
Estado-limite (<i>borderline</i>)	Quatro ou mais dos seguintes 7 traços, incluindo obrigatoriamente (5), (6) e (7): (1) Labilidade emocional, (2) Ansiedade, (3) Insegurança de separação, (4) Depressividade, (5) Impulsividade, (6) Envolvimento em comportamentos de risco e (7) Hostilidade.
Narcísica	Ambos os seguintes traços: (1) Grandiosidade e (2) Procura de atenção.
Obsessivo-compulsiva	Três ou mais dos seguintes 4 traços, devendo um deles ser (1): (1) Perfeccionismo rígido, (2) Perseverança, (3) Evitamento da intimidade e (4) Afetividade restrita.
Esquizotípica	Quatro ou mais dos seguintes 6 traços: (1) Desregulação cognitiva e percetual, (2) Crenças e experiências incomuns, (3) Excentricidade, (4) Afetividade restrita, (5) Afastamento e (6) Desconfiança.

Anexo III

Formulário de Consentimento Informado

FORMULÁRIO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

O meu nome é Marco D. R. Mendes e estou a realizar uma investigação em Psicologia Clínica, na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, sob orientação da Professora Doutora Rute Pires.

A temática abordada neste estudo relaciona-se com a Personalidade e Psicopatologia.

Solicita-se, deste modo, a sua participação através da resposta a três questionários, onde não existem respostas corretas ou incorretas. O importante é que as respostas reflitam a sua experiência pessoal.

A resposta aos questionários deverá demorar cerca de 60 minutos e pode sempre desistir a qualquer momento, caso seja a sua vontade.

Os dados recolhidos serão tratados e apresentados com total confidencialidade. Se assim o desejar, após o término da investigação, poderá ser-lhe fornecida uma breve informação sobre os resultados da mesma, através do número de telefone (918466014) ou do e-mail (marco.mendes37@hotmail.com).

Ao assinar este consentimento, declara ter 18 ou mais anos de idade, que tomou conhecimento das indicações dadas anteriormente e que aceita colaborar livre e voluntariamente nesta investigação.

Muito obrigada pela sua colaboração.

_____de_____de 201__

.....

(Assinatura)